

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

O PISO TÉRREO DO EDIFICADO NA CIDADE DO PORTO

Prof. Doutor Arquitecto Vítor Manuel Araújo de Oliveira

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO
Faculdade de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

PORTO
(2015)

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

O PISO TÉRREO DO EDIFICADO NA CIDADE DO PORTO

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Orientador: Prof. Doutor Arquiteto Vítor Manuel Araújo de Oliveira

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO

Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Porto
(2015)

JÚRI:

PRESIDENTE: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D`Eça Ramalho

ARGUENTE: Prof. Doutora Edite Maria Figueiredo E Rosa

ORIENTADOR: Prof. Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira

ÁREA CIENTÍFICA: Arquitetura

DATA DO ATO PÚBLICO DE DEFESA: 16/12/2015

Agradecimentos

Aos meus pais, o meu mais sincero agradecimento pelo apoio e estímulo prestados ao longo dos anos, pela paciência e auxílio em todos os momentos, e pela concretização de mais uma etapa.

Um agradecimento especial à Marta, companheira em todos os momentos, pela confiança e interajuda, e por ter estado sempre presente nos bons e maus momentos.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Vítor Oliveira, pela disponibilidade de orientar este trabalho, pela exigência e rigor, bem como pelo incentivo e transmissão de conhecimentos.

Agradeço a todos os professores e colegas do curso de Arquitetura pelos ensinamentos transmitidos e pelo companheirismo ao longo destes cinco anos.

A todos, muito obrigado.

Resumo

Esta dissertação centra-se sobre a evolução da ocupação do piso térreo e sobre as diferentes formas que este elemento assume na cidade atual. O modo de ocupação do piso térreo tem um papel fundamental na urbanidade de uma cidade.

A primeira parte da dissertação constitui uma breve introdução ao tema, discutindo as transformações do piso térreo dos edifícios das nossas cidades. Analisa-se a relação do piso térreo com a rua, com o quarteirão, com o logradouro e com os restantes pisos do edifício.

A segunda parte apresenta uma seleção de casos de estudo na cidade do Porto. Os diferentes casos de estudo são escolhidos partindo da definição dos diferentes tecidos urbanos propostos pelo Plano Diretor Municipal (PDM) do Porto de 2006, da autoria do arquiteto Manuel Fernandes de Sá. São então escolhidas ruas de diferentes tecidos urbanos, e selecionados os edifícios mais pertinentes, de forma a representarem diferentes modos de relação formal e funcional entre o piso térreo e os restantes elementos da forma urbana – rua, parcela (espaço exterior privado) e edifício (pisos superiores). A relação do piso térreo com estes elementos é analisada através de um conjunto de levantamentos realizados na cidade do Porto.

A terceira parte da dissertação constitui uma reflexão sobre o modo como a temática do piso térreo é tratada no projeto de intervenção no quarteirão do Parque das Camélias. Esta reflexão parte de uma análise de todo o quarteirão tendo como foco o piso térreo do edificado e o seu impacto nesta zona da cidade. Termina-se a dissertação com um conjunto de considerações finais.

Palavras chave: Piso térreo, Edificado, Plano Diretor Municipal, Porto.

Abstract

This dissertation focuses on the evolution of the ground floor and on the different ways that this element takes in contemporary cities. The way the ground floor is utilized plays a key role in the urbanity of a city.

The first part of the dissertation is a brief introduction to this theme, debating the transformations of the ground floor of buildings in our cities. It analyzes the relationship between the ground floor and the street, the block, the plot and the other storeys of the building.

The second part presents a selection of case studies in Porto. The different case studies were chosen drawing on the definition of the different urban tissues proposed by the *Plano Director Municipal* (PDM) of Porto, of 2006, coordinated by the architect Manuel Fernandes de Sá. Different streets are selected within these different tissues. The most relevant buildings are chosen, in order to represent different modes of formal and functional relationships between the ground floor and the other elements of urban form – streets, plots (private open space) and buildings (upper storeys of buildings) floors. The relationship between the ground floor and these elements is analysed through a set number of surveys in the city of Porto.

The third part of the dissertation is a reflection on how the theme of the ground floor is dealt with in the project for the street block of the *Parque das Camélias*. This reflection draws on an analysis of the whole street block focusing on the ground floor of buildings and on its impact on this area of the city. The dissertation is concluded with a final set of considerations.

Keywords: Ground floor, Built, Master Plan, Porto.

Índice

Agradecimentos	IV
Resumo	V
Abstract	VI
Índice	VII
Índice de figuras	VIII
Índice de anexos	X
I. Introdução	01
II. O piso térreo na cidade do Porto	04
2.1. Rua das Flores - Área Histórica	06
2.1. Rua do Almada – Área de Frente Urbana Contínua Consolidada	09
2.1. Rua da Constituição – Área de Frente Urbana Contínua em Consolidação	13
2.1. Avenida dos Combatentes – Área de Habitação Unifamiliar	14
2.1. Alameda de Eça de Queirós – Área de E.I. com Prevalência de Habitação Coletiva	18
III. O projeto de Intervenção no Quarteirão do Parque das Camélias	24
3.1. Contexto Histórico	25
3.2. Análise do Quarteirão	26
3.3. Proposta de Intervenção	27
IV. Considerações finais	35
Bibliografia	37
Anexos	39

Índice de figuras

Figura 01 – Esquema representativo de uma rua. Fonte: GLASER, M., Holf, M., Karssenber, H., Laven, J., Teeffelen, J. (2013), <i>The City Eye Level. Lessons for street plinths</i> , Eduburon Publishers, Delft.	03
Figura 02 – Vista da Rua das Flores. Fonte: Imagem de autor.	05
Figura 03 – Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado. Fonte: Realizado pelo autor.	06
Figura 04 – Planta da situação existente da Rua das Flores – Área Histórica. Escala 1:1300. Fonte: Realizado pelo autor.	07
Figura 05 – Planta da análise do piso térreo do edificado da Rua das Flores. S/Escala. Fonte: Realizado pelo autor.	08
Figura 06 – Vista da Rua do Almada. Fonte: Imagem de autor.	10
Figura 07 – Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado. Fonte: Realizado pelo autor.	10
Figura 08 – Planta da situação existente da Rua do Almada – Área de Frente Urbana Contínua Consolidada. Escala 1:3000. Fonte: Realizado pelo autor.	11
Figura 09 – Planta da análise do piso térreo do edificado da Rua do Almada. S/Escala. Fonte: Realizado pelo autor.	12
Figura 10 – Vista da Rua da Constituição. Fonte: Imagem de autor.	13
Figura 11 – Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado. Fonte: Realizado pelo autor.	14
Figura 12 – Planta da situação existente da Rua da Constituição – Área de Frente Urbana Contínua em Consolidação. Escala 1:5000. Fonte: Realizado pelo autor.	15
Figura 13 – Planta da análise do piso térreo do edificado da Rua da Constituição. S/Escala. Fonte: Realizado pelo autor.	16
Figura 14 – Vista da Avenida dos Combatentes. Fonte: Imagem de autor.	17
Figura 15 – Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado. Fonte: Realizado pelo autor.	18
Figura 16 – Planta da situação existente da Avenida dos Combatentes – Área de Habitação Unifamiliar. Escala 1:2500. Fonte: Realizado pelo autor.	19
Figura 17 – Planta da análise do piso térreo do edificado da Avenida dos Combatentes. S/Escala. Fonte: Realizado pelo autor.	20

Figura 18 – Vista da Alameda de Eça de Queirós. Fonte: Imagem de autor.	21
Figura 19 – Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado. Fonte: Realizado pelo autor.	21
Figura 20 – Planta da situação existente da Alameda de Eça de Queirós – Área de Edificação Isolada com Prevalência de Habitação Coletiva. Escala 1:2000. Fonte: Realizado pelo autor.	22
Figura 21 – Planta da análise do piso térreo do edificado da Alameda de Eça de Queirós. S/Escala. Fonte: Realizado pelo autor.	23
Figura 22 – Extratos da planta do Porto de 1813 e planta do Porto de Telles Ferreira de 1892. Fonte: Arquivo Histórico do Porto.	25
Figura 23 – Vista aérea da zona de intervenção do Quarteirão do Parque das Camélias. Fonte: Cartografia digital – Bing maps.	26
Figura 24 – Quarteirão do Parque das Camélias. Fonte: Cartografia digital – Google Earth.	27
Figura 25 – Esquízo da primeira proposta de intervenção. Fonte: Realizado pelo autor.	28
Figura 26 – Alçado da Rua Augusto Rosa. Fonte: Realizado pelo autor.	30
Figura 27 – Planta de Implantação com arranjos exteriores. Fonte: Realizado pelo autor.	30
Figura 28 – Planta do piso térreo com correspondência do alçado e corte transversal. Fonte: Realizado pelo autor.	31
Figura 29 – Organograma funcional do Hotel. Fonte: Realizado pelo autor.	32
Figura 30 – Planta de Implantação com arranjos exteriores. Fonte: Realizado pelo autor.	32
Figura 31 – Planta da análise do piso térreo do edificado da zona de Intervenção. S/Escala. Fonte: Realizado pelo autor.	34

Índice de anexos

Anexos A

Anexo A1 – Quarteirão do Parque das Camélias. Planta de Implantação e Perfis. Escala 1:500

Anexo A2 – Quarteirão do Parque das Camélias. Planta do piso -1, piso térreo, 1 e 2. Escala 1:200

Anexo A3 – Quarteirão do Parque das Camélias. Cortes transversais, Corte longitudinal e Alçados.
Escala 1:100

Introdução

Esta dissertação constitui uma reflexão sobre o papel do piso térreo do edificado de uma cidade na urbanidade dessa cidade. Como tal parte da análise não apenas do edifício mas também da rua como elemento fundamental da forma urbana. Toma-se como caso de estudo a cidade do porto – cidade onde se irá desenhar um edifício numa frente consolidada, dando particular atenção à questão do piso térreo.

Esta reflexão tem por base uma análise de diversas ruas da cidade do Porto, compreendendo as suas estruturas, as suas formas e as suas funções. A seleção das ruas tem por base a classificação de diferentes tecidos urbanos proposta pelo PDM do Porto (Oliveira, 2006).

O piso térreo de um edifício sendo o piso que está em contacto direto com a rua, tem associado um uso/função, que pode ser diferente dos usos/funções dos pisos superiores contribuindo para a diversidade dessa mesma rua. Acessos a habitação, comércio, serviços ou lazer, são os usos mais frequentes; são usos que dinamizam um espaço e valorizam o papel do movimento e do encontro numa cidade. O piso térreo não tem necessariamente de ser compreendido como construção, uma vez que a permeabilidade é um outro fator possível numa experiência vivencial de um espaço urbano.

Uma análise ao piso térreo tem como principais focos de estudo: os usos ou funções do edificado; a permeabilidade, ou não, de uma construção; as características fundamentais dos edifícios; a rua; a escala e, principalmente o modo como estes diferentes elementos de forma urbana promovem ou inibem o movimento (e a permanência) de pessoas na cidade.

‘Os pisos térreos são a parte viva e vibrante da vida e espaços de uma cidade: proporcionando conforto, interação social e visão ao nível da rua’¹

Escolheram-se cinco casos de estudo que permitem estudar um conjunto de diferentes características do piso térreo na cidade do Porto: a Rua das Flores (área histórica²), a Rua do Almada (área de frente urbana contínua consolidada); a Rua da Constituição (área de frente urbana contínua em consolidação); a Avenida dos Combatentes (área de habitação unifamiliar); e, por fim, a Alameda Eça de Queirós (área de edificação isolada com prevalência de habitação coletiva).

Numa breve abordagem geral ao piso térreo, o livro ‘The City Eye Level. Lessons for street plinths’ de Glaser et al. descreve através de uma cronologia os diferentes momentos a que o piso térreo esteve sujeito.

¹ GLASER, M., HOLF, M., KARSENBER, H., LAVEN, J., TEEFFENLEN, J. (2013) ‘The City Eye Level. Lessons for street plinths’, Eduburon Publishers, Delft. (pp. 8)

² Classificação proposta pelo PDM.

‘As cidades são centros de troca de bens, cultura, conhecimentos e ideias. A rua da cidade é a fase em que esta troca ocorre: é a entrada de casa...bem como a passagem para outros lugares, dentro e fora da cidade’³

Antes do século XIX não existia o conceito de rua atual. O piso térreo dos edifícios era o lugar onde se vivia e trabalhava, não existia uma separação entre o que era público e privado.

A partir de meados do século XIX com o aparecimento dos sistemas de transportes a cidade, e a vivência das ruas, ganhou um novo dinamismo. O desenvolvimento dos sistemas de produção e armazenamento permitiu um maior desenvolvimento comercial no piso térreo do edificado. O crescimento das lojas ao nível do piso térreo fez com que a rua ganhasse na cidade uma maior dinâmica. Quanto ao edificado, as fachadas passaram a ter uma imagem diferente, de modo a apresentar os seus produtos, cativando e atraindo a comunidade.

Assim, o piso térreo passou a ter uma maior relevância na cidade, garantindo uma relação entre o edifício, a rua e as pessoas.

‘...o trabalho do arquiteto será o de cerzir, remendar e corrigir a cidade’⁴

‘A transformação de muitas estruturas históricas mostra que a cidade está em constante alteração. A necessidade de adaptar e desenhar um piso térreo atraente é precisa para o morador da cidade bem como para a própria visão ao nível da rua.’⁵

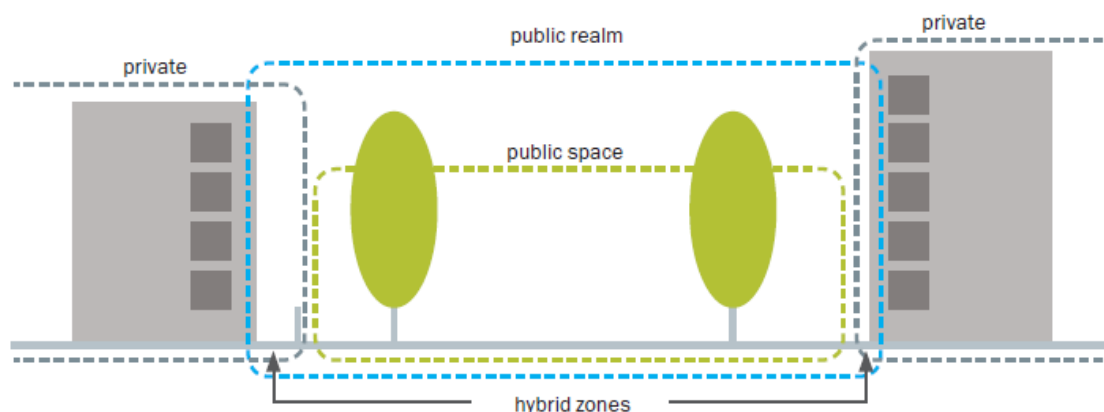


Figura 01 – Esquema representativo de uma rua

³ GLASER, M., HOLF, M., KARSSNER, H., LAVEN, J., TEEFFENLEN, J. (2013) 'The City Eye Level. Lessons for street plinths', Eduburon Publishers, Delft. (pp. 22)

⁴ BARATA, F. (1996) 'Transformação e permanência na habitação portuguesa. As formas da casa na forma da cidade', FAUP Publicações

⁵ GLASER, M., HOLF, M., KARSSNER, H., LAVEN, J., TEEFFENLEN, J. (2013) 'The City Eye Level. Lessons for street plinths', Eduburon Publishers, Delft. (pp. 33)

II. O piso térreo na cidade do Porto

II. O piso térreo na cidade do Porto

2.1. Rua das Flores - Área Histórica

A Rua das Flores, inicialmente designada por Rua de Santa Catarina das Flores, foi mandada construir no século XVI por D.Manuel I. A rua serviu como ponto de ligação entre dois edifícios de importância religiosa, o Convento de São Domingos e o Mosteiro de São Bento de Avé Maria, atual Estação de S.Bento.

A abertura da Rua das Flores foi um contributo para a circulação no interior da muralha Fernandina, servindo também para o transporte de mercadorias e produtos vindos da alfândega, e sendo uma das principais ruas que dava apoio aos eventos realizados na cidade.

A construção desta rua surgiu num período de prosperidade económica, transformando-a assim num grande momento de interesse para a população, um ponto ativo na cidade tanto na construção de novas habitações como de abertura de espaços comerciais. Ao longo dos tempos foram-se desenvolvendo linguagens arquitetónicas diferentes.

‘ O loteamento inicial, desenhado em 1521 na Rua das Flores, foi eficaz: salvo um único caso, as habitações hoje existentes mantêm o parcelamento do século XVI’⁶

No PDM a rua está inserida nas Áreas Históricas do Porto. Os edifícios definem uma frente de rua continua. A rua tem uma forma linear e é composta por um conjunto de parcelas muito semelhantes. No entanto, comparando com a Rua do Almada que se analisa em seguida, as parcelas da Rua das Flores têm uma maior diversidade - umas são mais largas e outras mais estreitas.



Figura 02 - Vista da Rua das Flores

A Rua das Flores é uma das ruas da cidade do Porto onde as características iniciais se mantiveram até aos dias de hoje com uma maior imutabilidade.

⁶ AFONSO, J. F. (2000), *A Rua das Flores no século XVI*, FAUP publicações, Porto.

Os edifícios datam do séc. XVI, e apresentam em relação a outros edifícios inseridos em ruas datadas anteriormente, uma cêrcea maior, entre dois a seis pisos.

Durante vários anos a mesma rua teve trânsito automóvel. Hoje em dia após intervenção da Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), trata-se de uma via pedonal, tal como a Alameda Eça de Queirós, embora esta tenha um contexto diferente.

Há uma grande predominância de serviços e/ou comércios a nível do rés-do-chão, contudo existem também alguns edifícios em devoluto ou só de habitação.

Na análise do piso térreo, o edificado sem qualquer afastamento/distância em relação à rua, define-a e permite que os edifícios tenham uma maior proximidade com esta. Tratando-se de uma via pedonal existe uma relação direta com o piso térreo, sendo este composto maioritariamente por comércio e/ou serviços. Assim sendo, é promovida a circulação da rua e o dinamismo desta área da cidade. Ao contrário da Alameda Eça de Queirós (analisada mais à frente), a Rua das Flores não tem mobiliário urbano que convide à permanência (embora atualmente esta permanência seja uma realidade), nem qualquer existência de elementos vegetais.

	Devoluto		Habitação		Comércio Serviços	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Piso térreo (Edificado)	21	21	9	9	71	70

Figura 03 - Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado

Na análise ao quadro, podemos concluir uma vez mais que a maioria dos ‘pisos térreos’ da Rua das Flores é composta por serviços ou comércios. Estes valores remetem-nos para uma continuidade face ao passado - a rua continua a ser um elemento com um carácter de passagem e permanência contendo vários locais de comércio. Ao longo desta rua deparamo-nos com vários edifícios em estado de degradação, contrapondo-se com outros que estão em processo de requalificação.



Autor do desenho

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho

RUA DAS FLORES - ÁREA HISTÓRICA

ESCALA 1 : 1300



Legenda
 COMÉRCIO / SERVIÇOS HABITAÇÃO DEVOLUTO

Autor do desenho
 NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho
 RUA DAS FLORES - ANÁLISE DO PISO TÉRREO DO EDIFICADO

2.2. Rua do Almada - Área de Frente Urbana Contínua Consolidada

A Rua do Almada foi uma das principais ruas criadas fora da Muralha Fernandina. Em 1761 elaborou-se um projeto para esta rua, tendo em conta o Plano do Bairro dos Laranjais. A rua foi construída posteriormente em 1764. Esta rua surgiu quando João de Almada e Melo (primeiro presidente da Junta das Obras Públicas) decidiu abrir um longo arruamento chamado Rua das Hortas, que tinha como limites a Rua dos Clérigos e a Rua da Fábrica. Mais tarde, houve um novo desenho da rua, ou seja, a mesma que temos nos dias de hoje, da autoria de Francisco Xavier do Rego.

‘O estabelecimento de um eixo inicial de urbanização radial exterior à cidade, a rua do Almada, que constituiu a primeira fase da transformação urbana almadina, baseou-se num projecto executado em 1761 por Francisco Xavier do Rego (...) O eixo principal de intervenção, a rua do Almada, que prolongava uma das artérias estruturadoras deste conjunto, a rua do Anjo das Hortas, possuía um perfil transversal sucessivamente alargado (...) Complementarmente previa o plano uma malha de arruamentos transversais ao eixo principal, que o ligavam às antigas estradas e se articulavam com duas praças secundárias nele então também previstas – a praça da Trindade e o largo de Monpilher.’⁷

A Rua do Almada localiza-se numa parte da cidade incluída em três freguesias da cidade do Porto: Cedofeita, Santo Ildefonso e Vitória. A rua ligava a Praça da República, a norte, e a cidade muralhada, a sul.

O desenho da rua segue o traçado de uma antiga via romana, que se estendia para Norte fazendo a ligação do Porto a Braga. Para além da sua importância viária, a rua impôs-se na cidade também pela sua importância a nível comercial, principalmente pelas ferragens. A rua foi muito importante para o desenho urbano desta zona da cidade.

A Rua do Almada e a Rua das Flores são ruas que partilham muitas semelhanças: ambas têm um traçado linear, com larguras praticamente semelhantes, com parcelas e edifícios idênticos.

Enquanto que a Rua das Flores está inserida na zona histórica (PDM), a Rua do Almada pertence à área classificada como frente de rua contínua e consolidada.

Ao longo da Rua do Almada a altura dos edifícios varia entre os dois e cinco pisos. Ao longo da sua história urbana as parcelas foram demonstrando uma grande coerência. Existe também um tipo de edificado específico construído sobre uma parcela de frente reduzida.

⁷ FERRÃO, Bernardo José (1989), *Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás 1758/1813*, FAUP publicações, Porto.



Figura 06 - Vista da Rua do Almada

Tal como na Rua das Flores, existe aqui uma grande predominância de serviços e/ou comércio a nível do rés-do-chão. Existem também alguns edifícios em estado devoluto. Ao contrário da Rua das Flores (embora seja uma alteração recente), a Rua do Almada é de acesso automóvel. Numa perspetiva do piso térreo, o uso automóvel poderá prejudicar um pouco a relação do piso térreo com a rua. Enquanto que uma via pedonal permite a circulação e o contacto mais direto com o comércio e/ou serviço, uma rua em que o automóvel ocupa grande parte da mesma, reduz esse mesmo contacto.

A Rua do Almada é composta por edifícios em todo o seu comprimento, sendo interrompida perpendicularmente por um conjunto de ruas secundárias que fazem uma ligação com eixos paralelos importantes na cidade. Os edifícios fecham a ligação para o interior do logradouro, ou seja, não existe qualquer permeabilidade para o interior do quarteirão.

	Devoluto		Habitação		Comércio Serviços	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Piso térreo (Edificado)	48	22	41	18	128	60

Figura 07 - Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado

Nesta análise do piso térreo deparámo-nos com uma rua com prevalência de comércio, bem como outros serviços. A Rua do Almada é predominantemente, ao longo do seu troço, uma rua com bastantes lojas, algumas delas com um grande passado, que com o passar dos anos mantêm a sua essência. Para além deste carácter comercial, encontramos vários edifícios em estado de degradação. Simultaneamente temos ao longo da rua várias habitações, muitas delas requalificadas. Nesta rua também existem vários serviços, incluindo serviços municipais.



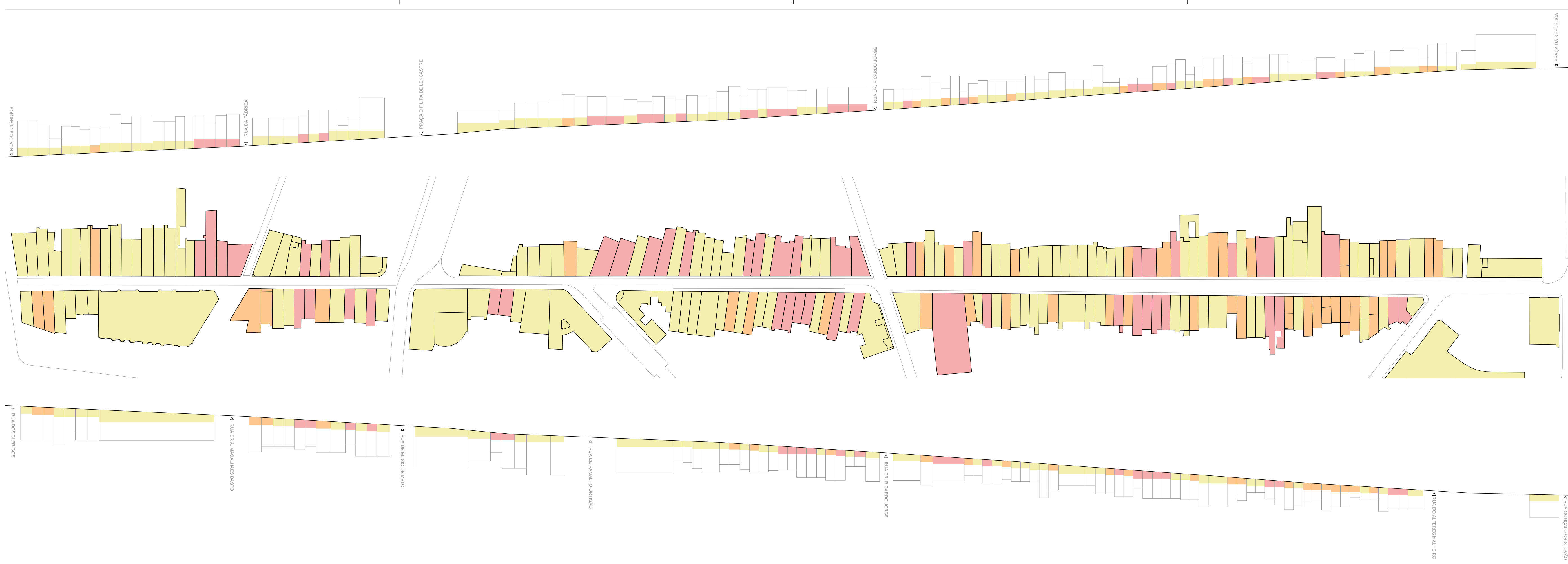
Autor do desenho

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho

RUA DO ALMADA - ÁREA DE FRENTE URBANA CONTÍNUA CONSOLIDADA

ESCALA 1 : 3000



◀ RUA DOS CLÉRIGOS

◀ RUA DA FÁBRICA

◀ PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE

◀ RUA DE RICARDO JORGE

◀ PRAÇA DA REPÚBLICA

◀ RUA DOS CLÉRIGOS

◀ RUA DE A. MACAULHES BASTO

◀ RUA DE ELÍSIO DE MELO

◀ RUA DE RAMALHO ORTIGÃO

◀ RUA DE RICARDO JORGE

◀ RUA DO ALFERES MALHEIRO

◀ RUA DO ALFERES MALHEIRO

Legenda
 COMÉRCIO / SERVIÇOS HABITAÇÃO DEVOLUTO

Autor do desenho
 NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS
 Título do desenho
 RUA DO ALMADA - ANÁLISE DO PISO TÉRREO DO EDIFICADO

2.3. Rua da Constituição - Área de Frente Urbana Contínua em Consolidação

A Rua da Constituição desenvolveu-se ao longo de vários tempos durante o século XIX.

A construção da rua ocorreu durante as expansões para norte e poente da cidade do Porto. A rua foi um dos eixos principais para a expansão da cidade para Norte (assim como a Avenida da Boavista na expansão para Poente (Pinho e Oliveira, 2009; Oliveira, 2013).

O primeiro desenho da Rua da Constituição surge na planta de 1892 (a primeira a conter a totalidade da cidade tal como a conhecemos hoje), contudo o eixo começou a ser construído anteriormente. Apesar da sua forma contínua e linear, a rua foi executada em três momentos distintos: a primeira fase liga a Praça do Marquês à Rua de Antero Quental; numa segunda fase, a uma extensão ocidental; e a terceira fase, corresponde a uma expansão oriental.

A criação destes novos troços permitiu que a cidade crescesse, e que aumentasse a possibilidade de habitar as, então, áreas periféricas. Esta expansão torna a Rua da Constituição uma das ruas mais relevantes para o desenvolvimento da cidade do Porto, pois foi um importante eixo de ligação com a restante cidade. Através deste arruamento surgiu e definiu-se uma nova malha urbana.

A Rua da Constituição surge atualmente no PDM, maioritariamente como uma Área de Frente Urbana Contínua em Consolidação. Tem uma forma linear e ao longo de toda a sua extensão a rua demonstra uma diversidade de conjuntos tanto ao nível do parcelamento, como de edificado e função. As parcelas apresentam diferentes dimensões e formas e também diversos programas funcionais (habitação e serviços). Como a rua foi executada num longo período de tempo é natural que o parcelamento da mesma seja diferente.



Figura 10 - Vista da Rua da Constituição

Ao nível do piso térreo analisa-se diferentes funções, tanto existe habitação como vários tipos de serviços de apoio à cidade. Ao longo da rua alguns edifícios quebram a frente contínua, ou seja, estão recuados em relação à mesma, o que deixa antever que a relação do piso térreo com a rua possa ser diferente. Alguns edifícios recuados permitem o contacto com o interior do

quarteirão, existindo permeabilidade ao nível do piso térreo. Por outro lado encontramos ainda a existência de edifícios que mesmo estando recuados da frente de rua, criam uma barreira física com a mesma, seja com um muro ou até mesmo com uma cerca, quebrando a permeabilidade com o interior do quarteirão.

Em relação ao tipo de edificado presente na Rua da Constituição conclui-se que este remete para vários tipos de construção de diferentes épocas. Mediante a função o edifício interage com a rua de distintas maneiras. Ao longo de toda a rua as cêrceas dos edifícios apresentam uma grande diversidade.

	Devoluto		Habitação		Comércio Serviços	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Piso térreo (Edificado)	0	00	75	39	115	61

Figura 11 - Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado

O quadro síntese mostra que o piso térreo da Rua da Constituição é muito variável. Há uma predominância de comércio e serviço, mas é também composto por habitação. A rua é um dos eixos mais importantes da cidade, e isso traduz-se num significativo movimento pedonal. Fazendo uma comparação com as restantes ruas da cidade do Porto em análise, esta rua é quase um misto de todas, ou seja, encontramos edifícios com diferentes números de pisos (diferentes cêrceas); a relação da altura do edifício com a largura da rua também é variável; e, aqui, o carro adquire uma maior importância face ao peão (ao contrário dos exemplos da Rua das Flores e da Alameda de Eça de Queirós que são pedonais).

A rua mantém características de leituras semelhantes à Rua do Almada, mas no caso da Rua da Constituição sendo a sua escala maior, a ligação com o piso térreo é mais ampla.

2.4. Avenida dos Combatentes - Área de Habitação Unifamiliar

A Avenida dos Combatentes da Grande Guerra surge em meados da década de 30. A Avenida dos Combatentes, é uma rua linear, e tem como limites a nascente a Avenida de Fernão de Magalhães e a poente a Rua de Costa Cabral.

A Câmara do Porto impôs que a construção das habitações para aquela zona não demonstrassem um carácter de objeto isolado, devendo ser desenhadas e vistas como um conjunto. O projeto tinha de ter em conta a relação do espaço existente de construção para com a rua, de forma a criar um espaço físico/visual amplo e desafogado.



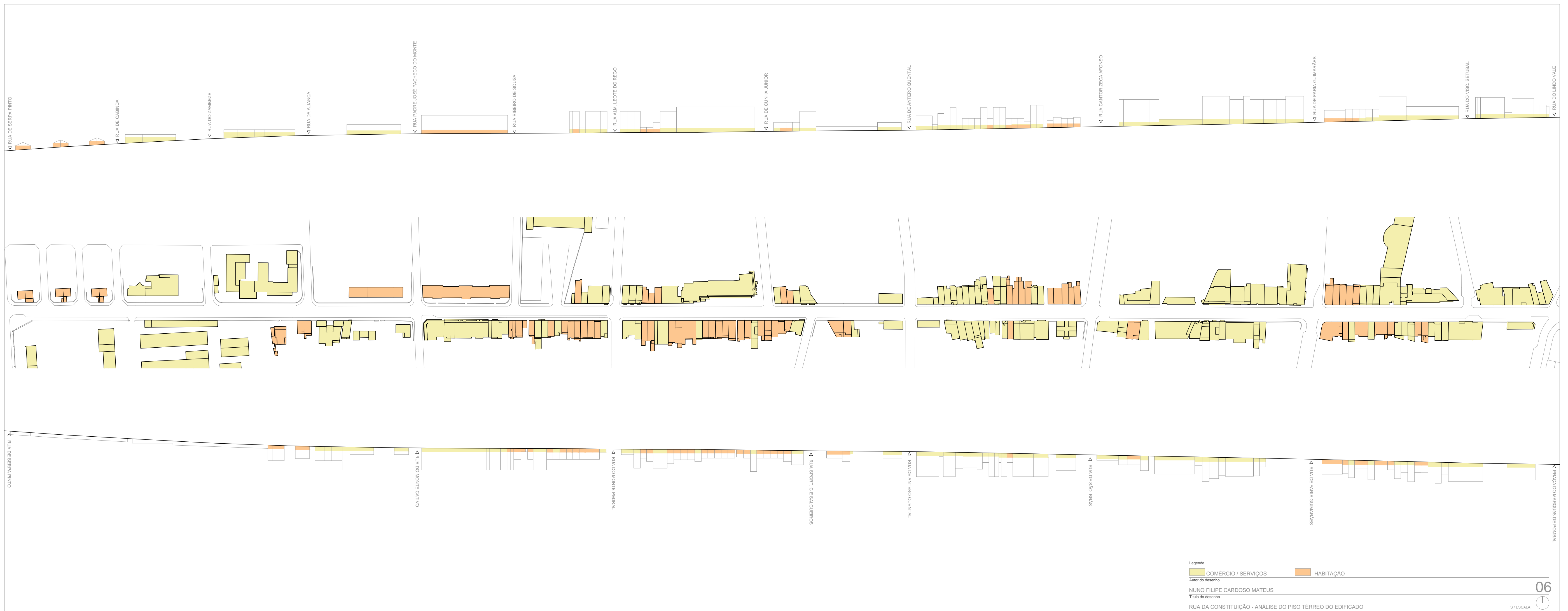
Autor do desenho

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho

RUA DA CONSTITUIÇÃO - ÁREA DE FRENTE URBANA CONTÍNUA EM CONSOLIDAÇÃO

ESCALA 1 : 5000



4 RUA DE SERPA PINTO

4 RUA DE CABINDA

4 RUA DO ZAMBEZE

4 RUA DA ALIANÇA

4 RUA PADRE JOSÉ PACHECO DO MONTE

4 RUA RIBEIRO DE SOUSA

4 RUA ALM. LEOTE DO REGO

4 RUA DE CUNHA JUNIOR

4 RUA DE ANTERO QUENTAL

4 RUA CANTOR ZECA AFONSO

4 RUA DE FARIA GUIMARÃES

4 RUA DO VIS. SETUBAL

4 RUA DO LINDO VALE

4 RUA DE SERPA PINTO

4 RUA DO MONTE CATIVO

4 RUA DO MONTE PERAL

4 RUA SPORT. C. E BALQUEROS

4 RUA DE ANTERO QUENTAL

4 RUA DE SÃO BRÁS

4 RUA DE FARIA GUIMARÃES

4 PRAÇA DO MARQUES DE POMBAL

Foram assim construídas ao longo da avenida, casas com uma linguagem distinta das casas tradicionais do centro da cidade - era uma zona da cidade considerada nobre, que servia várias famílias burguesas.

Do desenho da Avenida dos Combatentes resultou uma ligação importante nesta zona da cidade, uma comunicação entre a Rua Costa de Cabral com a Avenida Fernão Magalhães.

O aumento da população nesta zona da cidade potenciou a intenção de construção da Igreja de Santo António das Antas. Após a preparação de vários projetos para implantação da Igreja, definiu-se o local definitivo - a Igreja remata a nascente a Avenida dos Combatentes.



Figura 14 - Vista da Avenida dos Combatentes

Grande parte da avenida surge no PDM como Área de habitação Unifamiliar, existindo contudo uma exceção, ou seja um quarteirão assinalado como Área verde Privada a Salvar guardar composto por um misto de habitação unifamiliar e coletivo. A rua não apresenta grande variedade de parcelamento, edificação ou função. Os lotes, não tendo a mesma dimensão, são ocupados maioritariamente por edifícios de habitação unifamiliares. Outros usos como comércio, serviços e equipamentos estão praticamente ausentes em toda a extensão da rua aparecendo apenas no seu extremo poente.

Numa análise do piso térreo, o edificado, define um certo afastamento, uma vez que recua da frente da rua, e utiliza apenas muros como elemento de delimitação do lote. O movimento da rua é em grande parte definida pelo uso automóvel, uma vez que o uso pedonal não é muito sentido sendo esta composta pela habitação unifamiliar, e com grande ausência de serviços em quase toda a sua extensão. Se estabelecermos uma comparação com a Alameda Eça de Queirós que representa totalmente o oposto, ou seja uma via apenas pedonal, podemos dizer que a vivência do espaço é completamente diferente. A avenida dos combatentes na sua essência não tem o carácter de permanência.

Ao contrário de uma rua cujos edifícios consolidam a sua frente, e que permitem uma relação mais próxima e direta com o piso térreo e o exterior, os edifícios da Avenida dos Combatentes não têm essa relação direta com a cidade, pois com o recuo do edificado, cria-se uma "barreira" que promove a privacidade do lote e o distanciamento face à rua. De referir que

não existe qualquer relação com o interior dos quarteirões que definem a rua; são lotes totalmente privados e fechados em si mesmos.

Ao longo de toda a avenida, verifica-se que as construções oferecem uma caracterização da evolução da arquitetura na cidade do Porto. As primeiras construções são compostas por um maior número de ornamentos decorativos, refletem um certo tipo de influência da *Art Déco* presente em vários edifícios da cidade. As posteriores construções da avenida indicam um maior despojamento ornamental. Um exemplo presente na avenida que demonstra esta análise é a Casa Manuel Magalhães desenhada pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira. Uma casa de um só piso, “aberta” para todo o seu interior, demonstrando uma arquitetura sem qualquer ornamento visual.

	Devoluto		Habitação		Comércio Serviços	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Piso térreo (Edificado)	4	6	55	86	5	8

Figura 15 - Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado

Da análise ao quadro podemos concluir que o piso térreo da Avenida dos Combatentes é composto por habitação, tirando algumas construções que correspondem a comércio e outros serviços. Ao longo da avenida deparamo-nos com vários edifícios em estado de degradação, contrapondo-se com um ou outro que estão em fase de requalificação. Esta análise reflete as características da avenida, desde a sua criação que manteve as mesmas funções, linguagens e carácter.

2.5. Alameda de Eça de Queirós - Área de Edificação Isolada com Prevalência de Habitação Coletiva

A Alameda Eça de Queirós é uma via pedonal linear. É delimitada a nascente pela Praça Francisco Sá Carneiro (ou Praça Velasquez) e a poente pela Rua Bento Jesus Caraça. A Alameda surge no PDM como Área de Edificação Isolada com Prevalência de Habitação Coletiva e com algumas Áreas Verdes de Utilização Pública. Sendo uma via de uso pedonal e com este tipo de características constitui um espaço com um uso muito específico quase que de permanência (semelhante a uma praça ou a um jardim).

Os blocos de habitação coletiva são compostos ao nível do piso térreo e para além das entradas para as habitações, por serviços ou comércio que permitem que a alameda se mantenha



Autor do desenho

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho

AVENIDA DOS COMBATENTES - ÁREA DE HABITAÇÃO UNIFAMILIAR

ESCALA 1 : 2500



◀ RUA DE COSTA CABRAL

◀ RUA CÉSAR DAS NEVES

◀ RUA DE EDOGO CÃO

◀ RUA DO ROVUMA

◀ RUA NEVALA

◀ RUA MULLA

◀ RUA PROF. B. J. CARAÇA

◀ RUA OLIVEIRA MARTINS

◀ RUA BARTOLOMEU DIAS

◀ RUA MANILLA

Legenda
 COMÉRCIO / SERVIÇOS HABITAÇÃO DEVOLUTO

Autor do desenho
 NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho
 AVENIDA DOS COMBATENTES - ANÁLISE DO PISO TÉRREO DO EDIFICADO

"ativa" ao longo do dia. O facto de existirem áreas verdes de utilização pública permitem que se desfrute da alameda como um espaço de pausa na cidade.

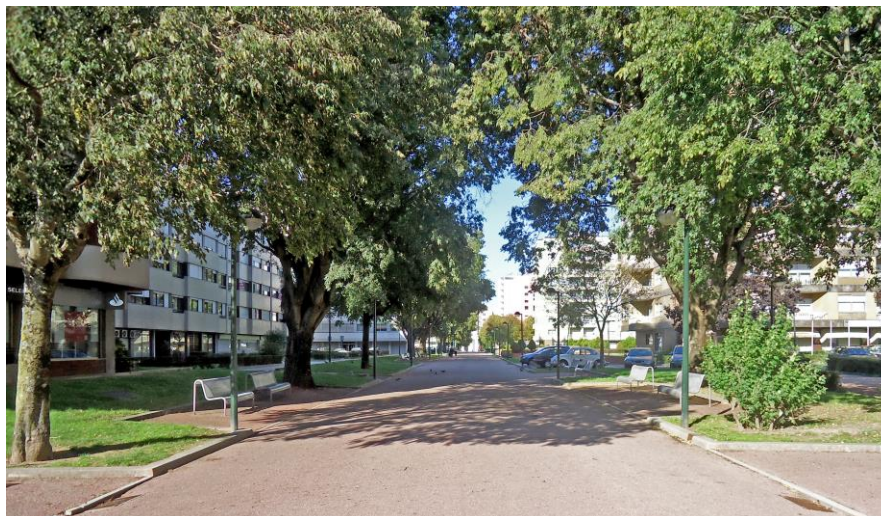


Figura 18 - Vista da Alameda de Eça de Queirós

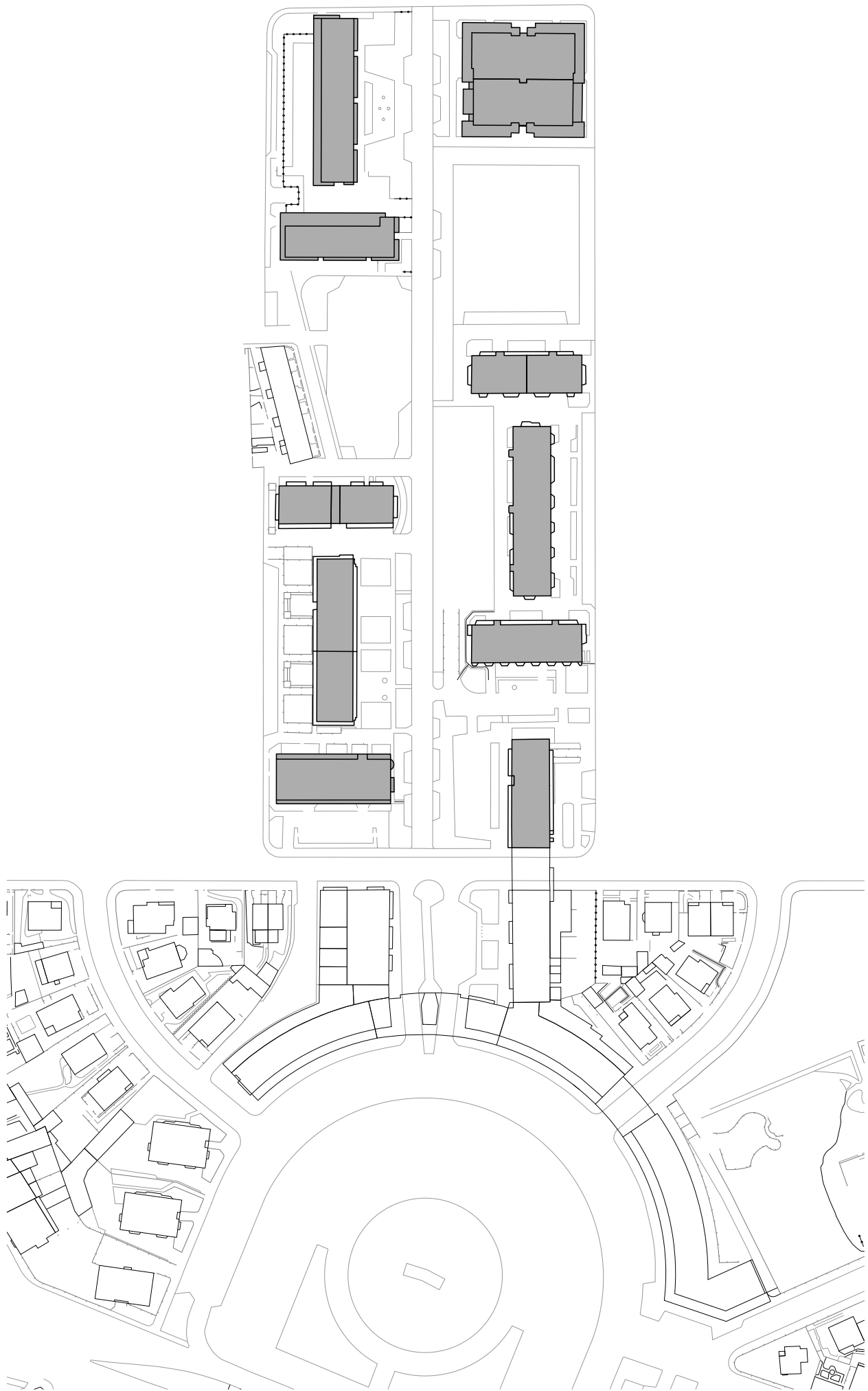
A relação do piso térreo com a alameda é uma relação direta. O comércio ou serviços aponta a alameda com um ponto de passagem e/ou permanência. Para alguns blocos habitacionais a alameda é um ponto de transição com as ruas e praça existentes. A alameda é pontuada com elementos vegetais, não sendo os blocos habitacionais a fazerem a sua frente. De referir que a alameda apresenta um atravessamento central no quarteirão que o divide em dois e ao mesmo tempo liga as ruas adjacentes.

	Devoluto		Habitação		Comércio Serviços	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Piso térreo (Edificado)	0	0	3	30	7	70

Figura 19 - Quadro síntese do levantamento do piso térreo do edificado

Na análise do quadro, podemos concluir que 70% do piso térreo da Alameda é composto por serviços ou comércio, e que apenas 30% corresponde a habitação.

Reforçando mais uma vez o facto deste eixo ser pedonal, com as informações já referidas, existe uma proximidade com a Rua das Flores - as duas têm características semelhantes. No entanto, só a Alameda pode ser descrita como um espaço claramente de permanência na sua relação com as áreas verdes existentes.



Autor do desenho

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

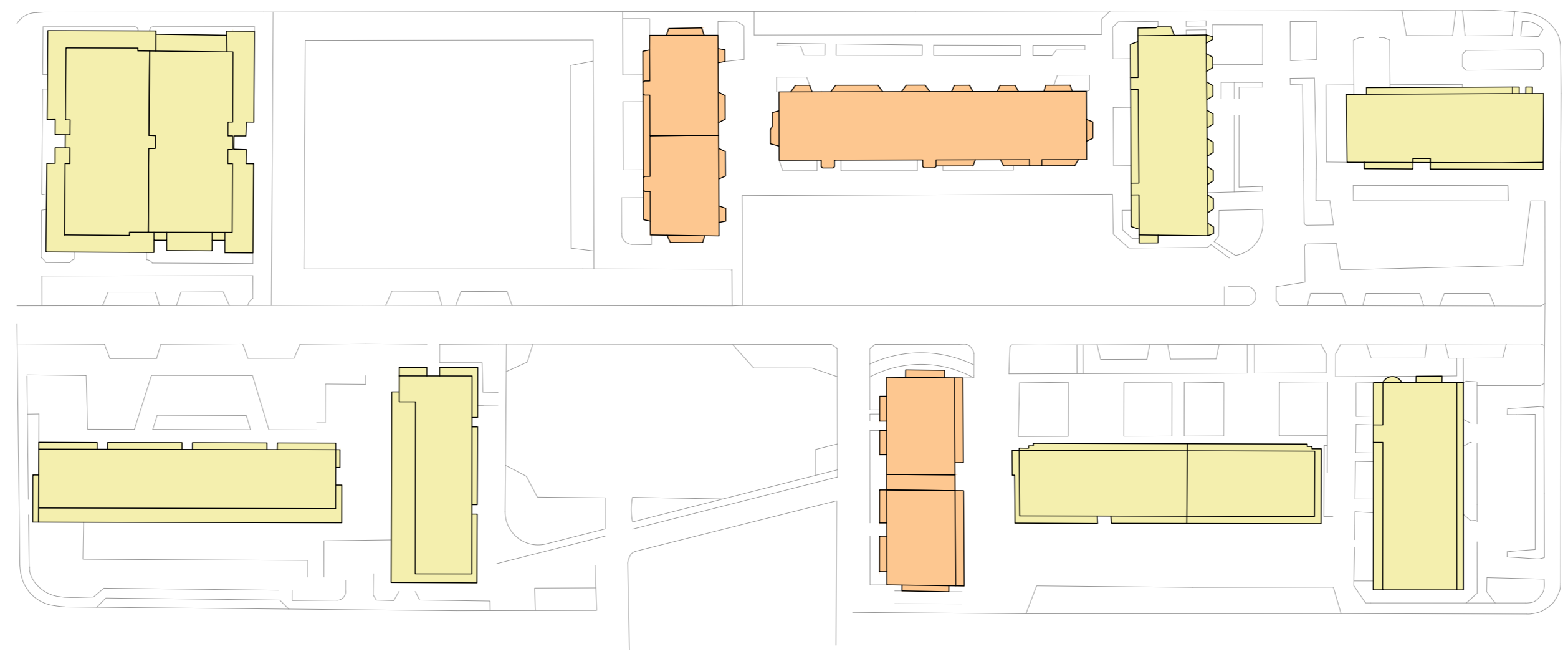
Título do desenho

ALAMEDA DE EÇA DE QUEIRÓS - ÁREA DE EDIFICAÇÃO ISOLADA COM PREVALÊNCIA DE HABITAÇÃO COLETIVA

ESCALA 1 : 2000

4 RUA PROF. BENTO DE JESUS CARAÇA

4 RUA OLIVEIRA MARTINS



4 RUA PROF. BENTO DE JESUS CARAÇA

4 RUA OLIVEIRA MARTINS

Legenda
 COMÉRCIO / SERVIÇOS
 HABITAÇÃO

Autor do desenho
 NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS
 Título do desenho

ALAMEDA DE EÇA DE QUEIRÓS - ANÁLISE DO PISO TÉRREO DO EDIFICADO

III. O projeto de Intervenção no Quarteirão do Parque das Camélias

3.1. Contexto Histórico

Os diversos elementos cartográficos da cidade do Porto, desde a Planta Redonda, de 1813, até ao século XIX, e por fim aos dias de hoje, permitem seguir a evolução urbana da malha do quarteirão do Parque das Camélias.

Em 1813 esta zona era composta maioritariamente por grandes campos agrícolas e jardins; contudo com o passar do tempo foram surgindo construções á face da rua. Nos anos imediatamente a seguir a 1813, não se registaram alterações urbanas relevantes.

Esta zona da cidade do Porto começou a sofrer grandes alterações urbanas com a abertura das suas ruas adjacentes, a Rua de Alexandre Herculano e a Rua Duque de Loulé. A partir desta altura entende-se que a zona, que anteriormente era composta por grandes campos agrícolas passou a ser claramente urbana. Estas características são ilustradas na Planta de Telles Ferreira de 1892. Aqui, o quarteirão está claramente definido. Contudo existem ainda alguns vazios na frente de rua. O interior do quarteirão deixou de ser maioritariamente constituído por amplos campos agrícolas, passando a formarem-se lotes que pertenciam às casas adjacentes.

Com o passar do tempo surgem alterações ao nível do edificado. Somente na Rua do Sol os edifícios se mantiveram iguais - casas individuais formadas a partir de parcelas estreitas ligadas aos seus logradouros nas traseiras.

O interior do quarteirão, zona de intervenção do projeto, manteve-se até aos dias de hoje sem nenhuma função ao nível de edificado, caracterizando-se como um dos muitos espaços vazios, como parte da evolução da cidade.



Figura 22 – Extratos da planta do Porto de 1813 e planta do Porto de Telles Ferreira de 1892

3.2. Análise do quarteirão

O projeto de intervenção centra-se no quarteirão do Parque das Camélias na cidade do Porto. Este quarteirão é definido a norte pela Rua Alexandre Herculano, a sul pela Rua do Sol, a poente pela Rua Augusto Rosa e a nascente pela Rua Duque de Loulé. O quarteirão encontra-se na zona histórica da cidade, próximo de edifícios importantes da cidade como o antigo Edifício do Governo Civil, o Teatro de S. João, o Cinema Batalha, a Sé, entre outros.

Analisando a zona de intervenção consegue-se distinguir e dividir o quarteirão em duas partes distintas, tanto ao nível da época de construção como ao nível dos seus usos. Por um lado, a sul, temos a Rua do Sol, composta por um conjunto edificado que corresponde a uma época antiga da cidade, com um parcelamento mais regular e com lotes pequenos (aproximadamente 6/7 metros de frente). Por outro lado, mais a norte encontramos um conjunto de edifícios com uma escala maior e de épocas diferentes.

Ao nível do piso térreo percebe-se que existem momentos diferentes em todo o quarteirão: a Rua do Sol com um edificado de carácter habitacional e com pequenos serviços, e, contrastando com esta, a Rua Alexandre Herculano com um conjunto de serviços e comércios em maior escala. Ao longo de todo o quarteirão encontram-se também alguns edifícios em mau estado de conservação (devoluto). A zona de intervenção materializa-se entre estas duas situações distintas. Todo o interior do quarteirão, nos dias de hoje, é composto por instalações desportivas e por um centro de camionagem.



Figura 23 – Vista aérea da zona de intervenção do Quarteirão do Parque das Camélias

3.3. Proposta de intervenção

O local de intervenção divide o quarteirão em duas partes, uma vez que percorre todo o seu miolo, ligando a Rua Augusto Rosa à Rua Duque do Loulé. O interior do lote foi mantido em aberto quase sem construção física, como se pode confirmar na análise dos mapas da cidade do Porto desde 1813 até os dias de hoje (mapa atual 2010). Este lote é composto por um centro de camionagem a 'céu aberto' e por uma instalação desportiva.

Antes de focar o programa a inserir no terreno, é importante referir que esta parcela em questão tem um conjunto de elementos condicionantes. Num terreno com aproximadamente 10.500m² de área, havia imensas possibilidades. As hesitações prendiam-se com a frente 'vazia', com 57m de largura, na Rua Augusto Rosa. Sabendo que o PDM definia esta área como frente urbana contínua em consolidação estava explicado que algo estava em falta. Outros elementos importantes nestes momentos iniciais eram a diferença de cotas ao longo da parcela, as diferentes cêrceas, linguagens e escalas existentes no edificado (sudeste e a noroeste do lote), os muros, logradouros e empenas dos vizinhos adjacentes e, por fim, os elementos existentes (centro de camionagem e a instalação desportiva).



Figura 24 – Quarteirão do Parque das Camélias

Veio então o primeiro contacto com o programa: um hotel e um percurso capaz de unir os dois lados do lote. Houve duas fases neste projeto. Numa primeira fase, surgem as primeiras ideias, recorrendo a esquemas básicos de distribuição do programa tentando encontrar uma ideia base de implantação. Esta ideia de implantação tem como ponto de partida o interior do lote, tendo sido decidido de imediato relocalizar o centro de camionagem noutra local da cidade do Porto.

Propõe-se dois volumes: o primeiro tentava colmatar a frente de Rua Augusto Rosa, implantado a sudeste, junto ao edificado de menor escala do quarteirão e seria composto por todos os serviços, tanto públicos como privados do hotel. O segundo volume estava inserido no interior do quarteirão junto aos edifícios a noroeste mas voltado a sudeste, o que permitia tirar partido da ausência de 'ruído' da cidade. Este volume seria composto pelo restante programa, nomeadamente os quartos que poderiam usufruir da carência de barulho.

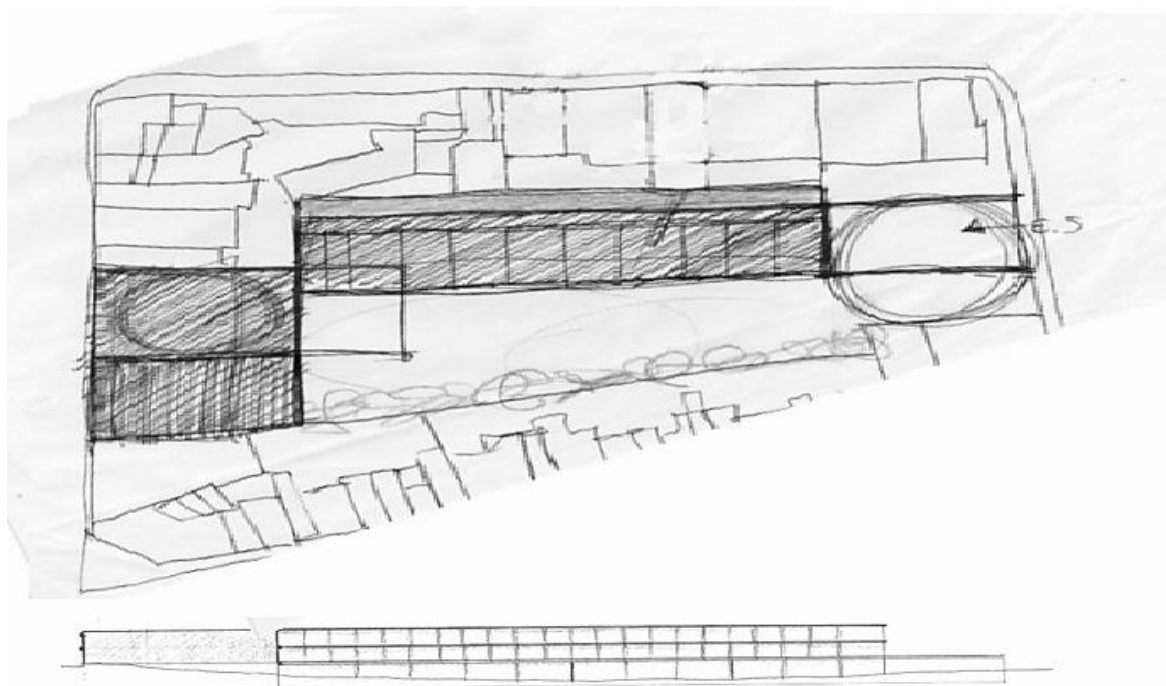


Figura 25 – Esquízo da primeira proposta de intervenção

Contudo, esta solução tinha aspetos negativos e positivos a serem levados em conta, surgindo uma série de questões: Conseguiria esta solução consolidar a frente urbana com apenas um pequeno volume, sabendo que a área construída era inferior à não-construída? A área não construída tinha um carácter de percurso pedonal, tendo em conta a sua escala? Ou essa área não-construída sugeria mais uma zona de pausa em vez de transição?

Começaram a levantar-se demasiadas dúvidas sobre esta primeira implantação. De facto, todo o quarteirão era composto por edifícios que de alguma forma se relacionavam diretamente com a rua, fossem entradas para as habitações, comercio ou até mesmo serviços. Concluiu-se que esta implantação não tinha uma forte relação com a rua – que era no fundo uma das 'bandeiras' fundamentais desta dissertação.

A cidade é constituída por edifícios díspares, com épocas diferentes, e características associadas ao tempo, sempre numa relação económica, social e espacial. Facilmente reconhecemos todos estes elementos no quarteirão a intervir, porém a sua proximidade de uma zona histórica, exige uma atitude mais próxima dos elementos de forma urbana preexistentes.

Desta forma abandona-se a primeira implantação, recomeçando novamente, o que me levou à segunda fase desta proposta de intervenção.

A segunda fase da proposta de intervenção, voltou a ser definida pela distribuição do programa. A ideia surgiu quando se tentou organizar todo o programa num único volume. Era necessário rematar a frente da Rua Augusto Rosa, e esse volume foi capaz disso mesmo. Ao mesmo tempo que consolidava a frente de rua, criou uma continuidade com o edificado existente.

A ideia de consolidar todo o edifício na frente de Augusto Rosa constituía um forte contributo para a urbanidade desta área, respondia de forma concreta ao regulamento do PDM, ao mesmo tempo que libertava todo o interior do lote, permitindo que além de um percurso pedonal fosse criado toda uma zona de pausa no interior do quarteirão. De referir que esta intervenção era claramente o elemento principal que une os dois lados do quarteirão, ficando definida uma leitura clara de um elemento único.

Para perceber qual seria a dimensão do edifício, foi necessário encontrar o elemento principal da organização de um hotel: o quarto. O quarto foi o elemento condutor para encontrar uma modelação capaz que organizar todo o espaço. Após vários estudos encontrou-se uma modelação de 4.30m entre eixos. Este era o módulo a repetir. Assim, o edifício implantado teria 48m de comprimento e 27m de largura - a dimensão aproximada do volume a implantar ao longo dos 57m existentes na frente de rua.

Novas questões se levantaram quando se 'encostou' o hotel ao edificado a noroeste, ou seja, criou-se um problema maior a nível de piso térreo, uma vez que a rua é inclinada. Experimentou-se uma implantação ao centro (do vazio da frente urbana), que por sua vez, criou duas entradas com a mesma escala, desligando-a do edificado envolvente e funcionando como uma peça individual. Contudo uma dessas entradas seria de serviço. Porque razão deveria ter a mesma escala? Mantendo o edifício solto da envolvente, o melhor seria encontrar diferentes afastamentos: 5.50m dos edifícios, a noroeste - entrada/passagem principal da parcela e 4m a sudeste - serviços.

Ao mesmo tempo que o volume tem um carácter individual por não estar em contacto direto com os edifícios adjacentes, é também um objeto que se comporta como um fio condutor capaz de unir todo o quarteirão, devido à sua cêrcea uma vez que é composto por 3 pisos, acima do nível do solo. O desenho interior é também um elemento importante uma vez que é este que determina o carácter racional do volume. Esse caráter é dado pela modulação interior que definiu também um ritmo exterior. Ainda que inicialmente não houvesse uma ideia de alçado, a verdade é que toda esta racionalização do espaço interior já começava a sugerir algo a nível de alçado/exterior.

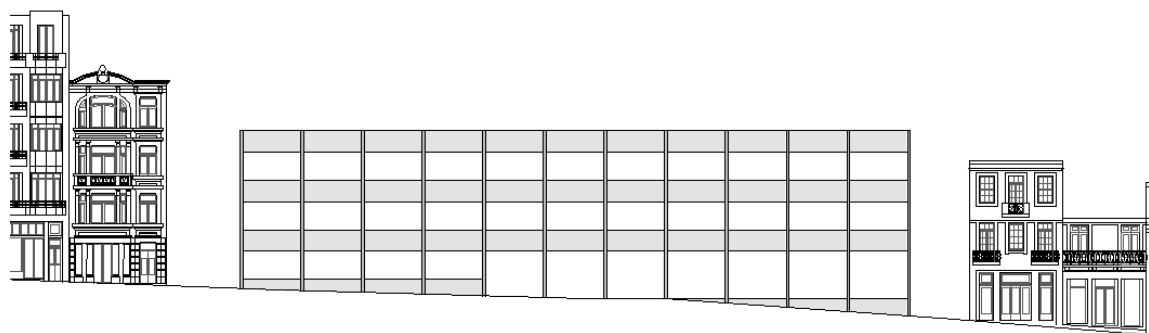


Figura 26 – Alçado da Rua Augusto Rosa

Antes de falar do piso térreo que foi uma das grandes preocupações desta intervenção, é necessário, referir também que houve uma reflexão quanto ao desenho do espaço exterior constituente do lote. Tão importante como desenhar arquitetura é ‘desenhar’ e fazer cidade.

Retirado o centro de camionagem havia ainda que encontrar uma solução para o equipamento desportivo, bem como redesenhar toda aquela área. Recolocado o centro de camionagem noutra zona do porto, havia ainda um outro elemento que até à data não tinha tido grande importância: um conjunto de edifícios em ruína, que faziam frente com a Rua Duque de Loulé. Surgiu de imediato a ideia de juntar esse edificado, localizando aí o equipamento desportivo com a possibilidade de deste poder ter um acesso direto a partir da rua. Entre Augusto Rosa e Duque de Loulé foi desenhada uma passagem pedonal (pedida no programa) criando um eixo de comunicação entre as duas ruas. A restante área foi dividida: na direção do hotel havia toda uma área pertencente ao hotel fechada por um muro e vegetação (junto ao casario a sudeste). Com esta zona pretendia-se que existisse uma relação do interior do hotel com o exterior - o objetivo era o prolongamento a leitura do espaço. Para além do muro, havia toda uma zona pública de lazer e permanência.



Figura 27 – Planta de Implantação com arranjos exteriores

Voltando ao interior do edifício, no piso 1 e 2 organizam-se os quartos, voltados quer para o interior do lote quer para rua (Augusto Rosa).

O piso térreo é um dos elementos mais importantes do edifício, pois era o único capaz de ter uma relação direta tanto com a rua como com o interior do lote. É nele que está todo o programa de carácter público e privado do hotel, é ele que permite que a rua reaja de diferentes modos.

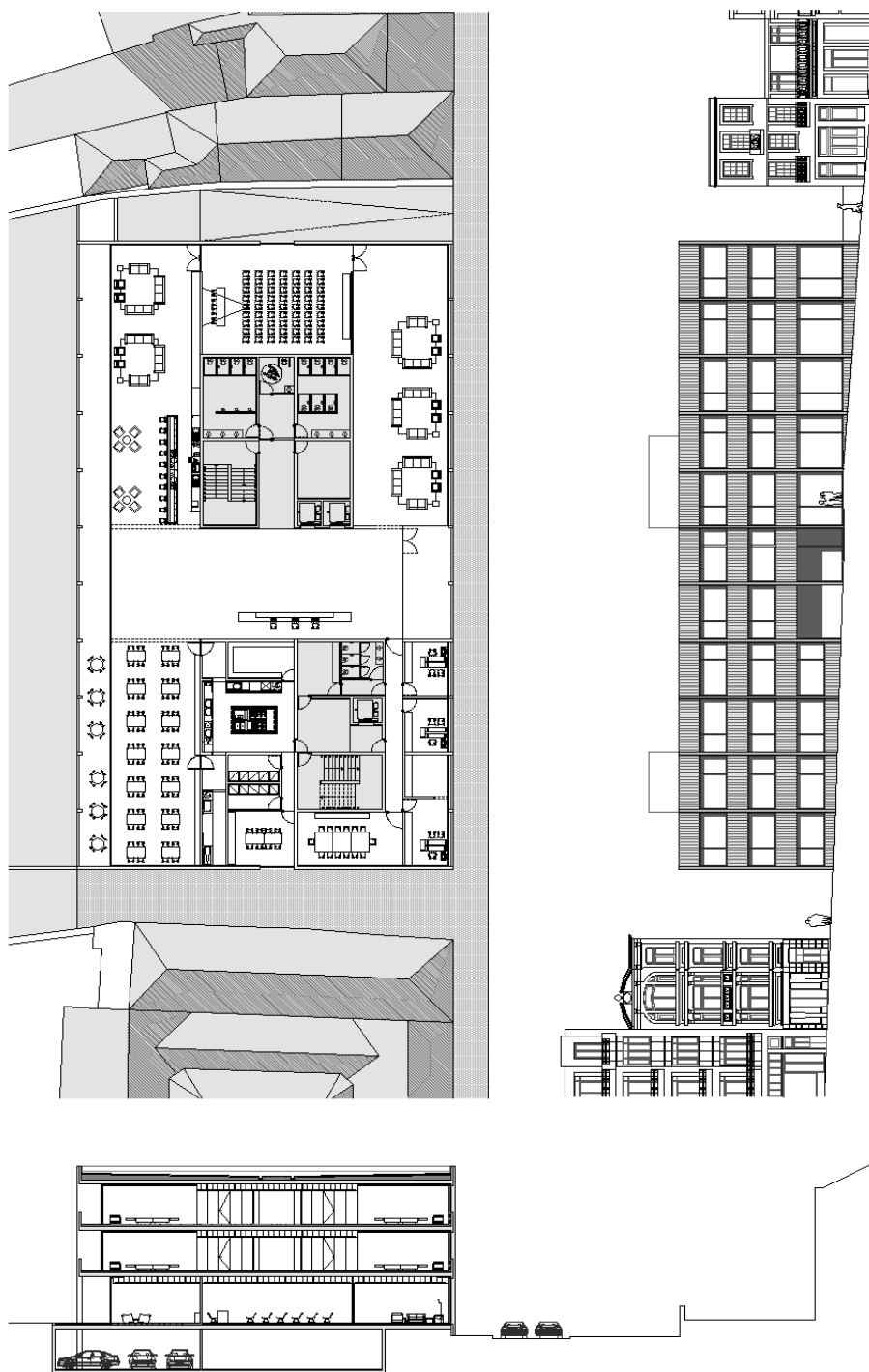


Figura 28 – Planta do piso térreo com correspondência do alçado e corte transversal

Apesar do programa ser um hotel, a ideia forte do projeto era que o piso térreo tivesse algo em comum com os restantes pisos térreos do edificado envolvente, ou seja, que o mesmo fosse interpretado da mesma maneira, na sua relação com a rua e conseqüentemente com a cidade. O piso térreo dá algo à rua. Por sua vez esta receciona as diferentes experiencias e os diferente comportamentos da cidade.

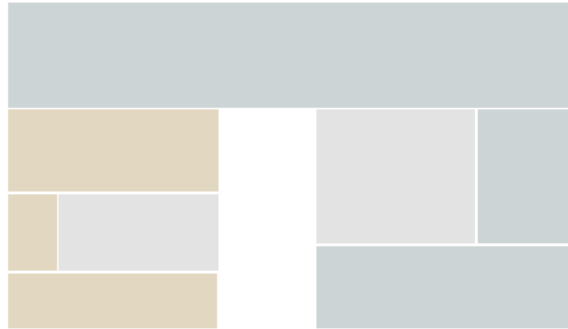


Figura 29 – Organograma funcional do Hotel

A organização do piso térreo, conforme a figura 19, está relacionada com a função dos espaços bem como com a rua. A entrada está localizada ao centro do edifício, e tem uma permeabilidade ao longo de toda a sua largura. Associado a este eixo que liga a rua, o hotel e o interior do lote, está todo o programa público e privado do edifício. O eixo divide o programa: a noroeste está toda a área privada do hotel e a sudeste toda a área de uso público e comum. A figura 19 explica esquematicamente o funcionamento do hotel: a azul estão a sala de estar, conferências, bar e restaurante, e a castanho está a administração e cozinha.

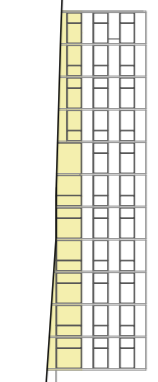
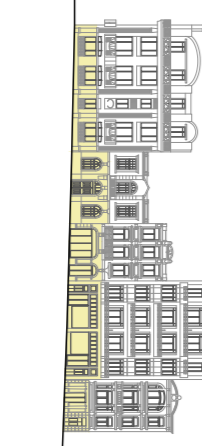


Figura 30 – Planta do Porto de 1813 e Planta do Porto de Telles Ferreira de 1892

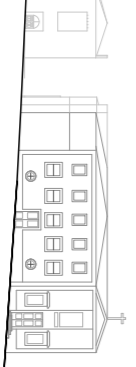
Os grandes panos de vidro permitem que o piso térreo do hotel ganhe um forte carácter comunicativo e de permeabilidade com o que o rodeia.

A importância do piso térreo pode ser o reflexo do comportamento de uma rua que por sua vez influencia as diferentes vivências da cidade. Vários fatores podem ser determinantes para a experiência vivida na mesma. Por exemplo, o quarteirão é constituído por quatro ruas todas elas diferentes. A sul, a Rua Alexandre Herculano, composta por edifícios de diferentes épocas, maioritariamente com serviços e comércio. No lado oposto, a Rua do Sol de carácter medieval, composta por habitação, com alguns edifícios em mau estado de conservação. Ao nível do piso térreo grande parte são entradas habitacionais e pontualmente alguns serviços. Duas ruas com diferente carácter: por um lado a Rua do Sol será menos convidativa, pela sua degradação, por outro lado, a Rua Alexandre Herculano oferece todo um conjunto de serviços e comércio. O mesmo acontece na Rua Augusto Rosa maioritariamente formada por comércio e serviços, que convidam à circulação. Em Duque de Loulé o piso térreo oferece muito pouco à rua.

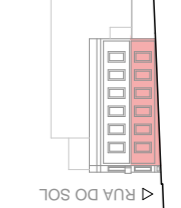
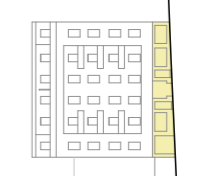
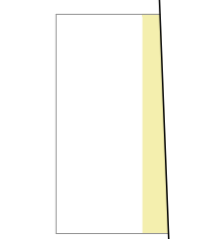
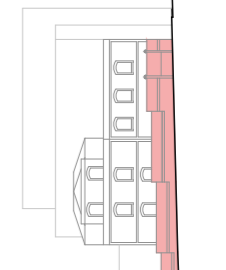
← RUA ALEXANDRE HERCULANO



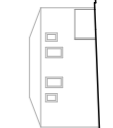
← RUA DO SOL



▷ RUA ALEXANDRE HERCULANO



▷ RUA DO SOL



Legenda

COMÉRCIO / SERVIÇOS

HABITAÇÃO

DEVOLUTO

Autor do desenho

NUNO FILIPE CARDOSO MATEUS

Título do desenho

RUA AUGUSTO ROSA E RUA DUQUE DE LOULÉ - ANÁLISE DO PISO TÉRREO DO EDIFICADO

Considerações Finais

Com esta dissertação pretendeu-se compreender o contributo do piso térreo do edificado para a o dinamismo e a urbanidade da rua em que se insere...no limite, o contributo do piso térreo para a qualidade urbana de uma cidade.

Tomou-se como caso de estudo a cidade do Porto, selecionando cinco ruas com formas urbanas e com vivências significativamente diferentes. Esta escolha teve por base os diferentes tecidos urbanos propostos pelo PDM, de forma a garantir uma abordagem ampla, capaz de representar as variadas situações existentes na cidade. Este momento da dissertação foi importante para perceber como, em diferentes partes da cidade, o piso térreo se relaciona com a rua, a parcela e os restantes pisos que compõem cada edifício.

Relativamente ao projeto de intervenção, este pretende ser um novo elemento constituinte da Rua Augusto Rosa, colmatando a frente de rua, trazendo novas dinâmicas e interações ao nível do piso térreo. O estudo da importância do piso térreo foi um elemento relevante para a intervenção numa rua com uma forte história urbana. As diferentes análises das cinco ruas levou a que houvesse sempre uma preocupação maior com o desenho do piso térreo do hotel, nomeadamente com as diferentes funções a instalar e com a exploração da permeabilidade da construção numa relação mais franca entre rua e interior do lote.

Ruas, parcelas e edifícios (quer ao nível térreo quer nos níveis superiores) relacionam-se mutuamente e dependem uns dos outros. Só através de uma leitura abrangente que abarque todos estes elementos de forma urbana será possível desenhar novos pedaços de cidade com uma forte urbanidade.

Bibliografia

Bibliografia

AFONSO, J. F. (2000), *A Rua das Flores no século XVI*, FAUP Publicações, Porto.

BARATA, F. (1996), *Transformação e permanência na habitação portuense. As formas da casa na forma da cidade*, FAUP Publicações, Porto.

FERRÃO, B. J. (1989), *Projecto e transformação urbana do Porto na época dos Almadás 1758/1813*, FAUP publicações, Porto.

GLASER, M., Holf, M., Karssenber, H., Laven, J. e Teeffelen, J. (2013), *The City Eye Level. Lessons for street plinths*, Eduburon Publishers, Delft.

OLIVEIRA, V. (2006) 'The morphological dimension of municipal plans', *Urban Morphology*, 10, 101-113.

OLIVEIRA, V. (2013), *A evolução das formas urbanas de Lisboa e Porto nos séculos XIX e XX*, Edições UP, Porto.

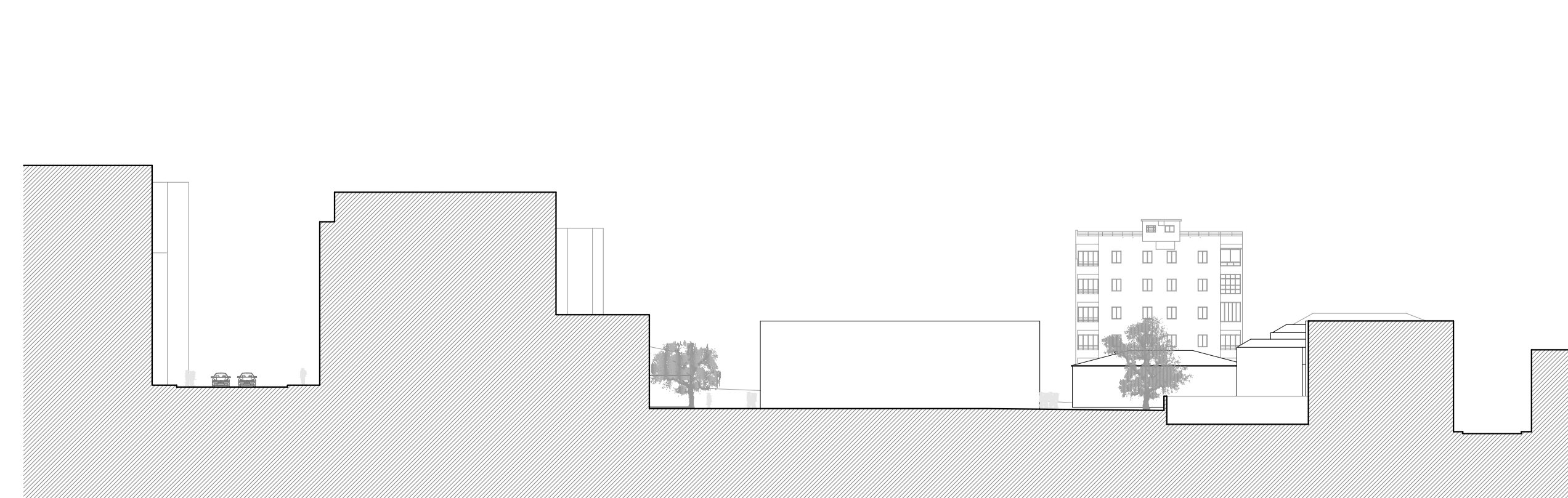
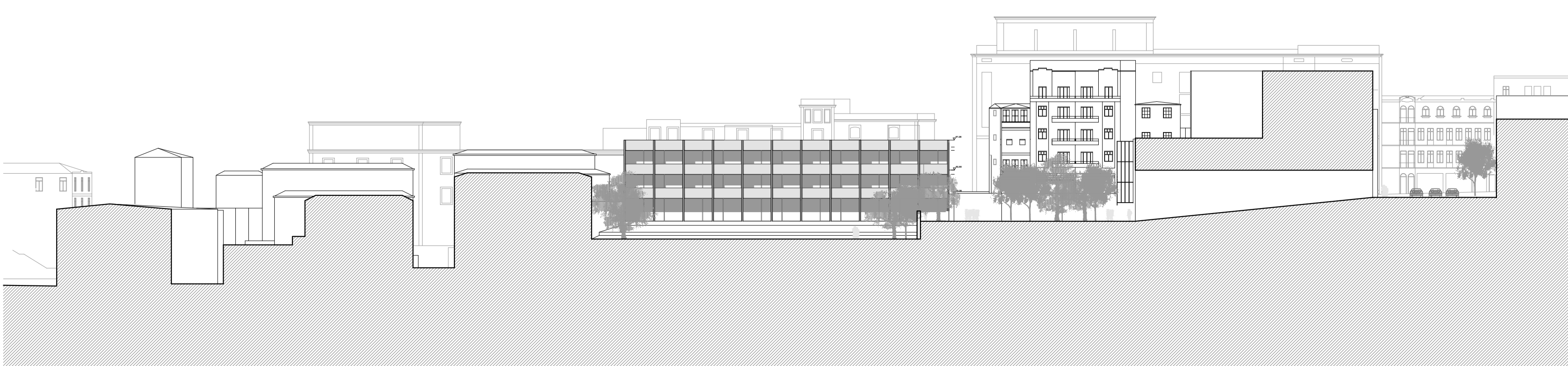
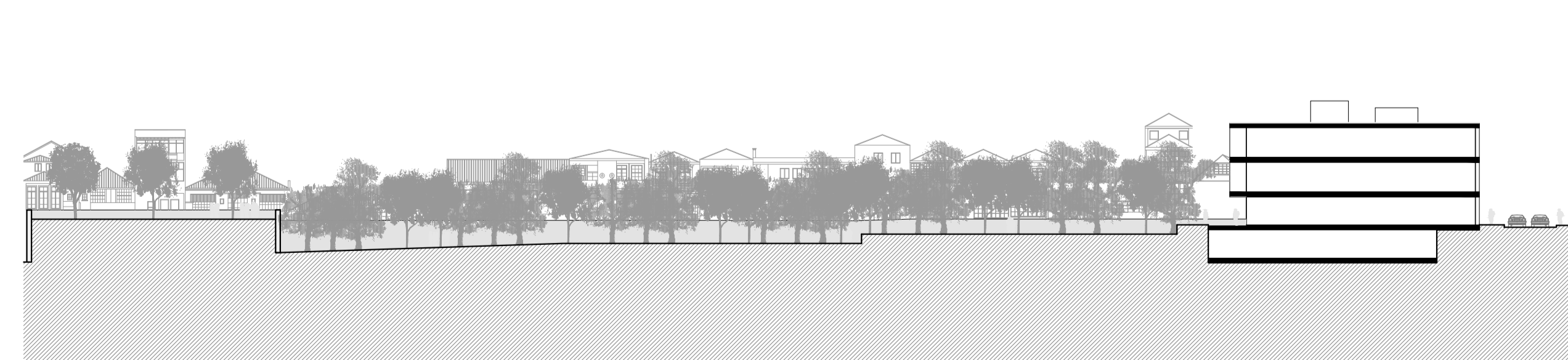
PINHO, P. e OLIVEIRA, V. (2009) 'Cartographic analysis in urban morphology', *Environment And Planning B: Planning and Design*, 36, 107-127.

Anexos



Planta de Implantação 1/500
 0 10 20 30m

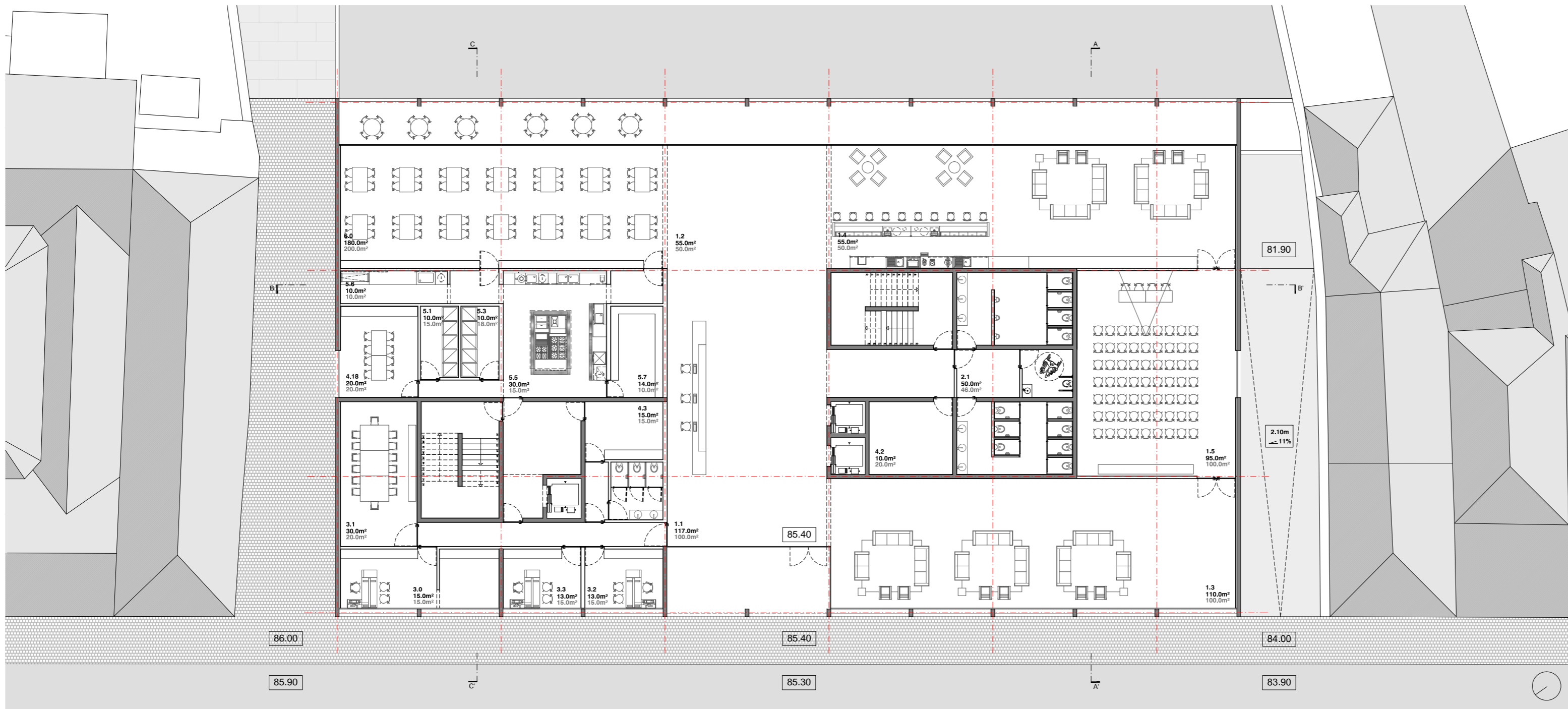
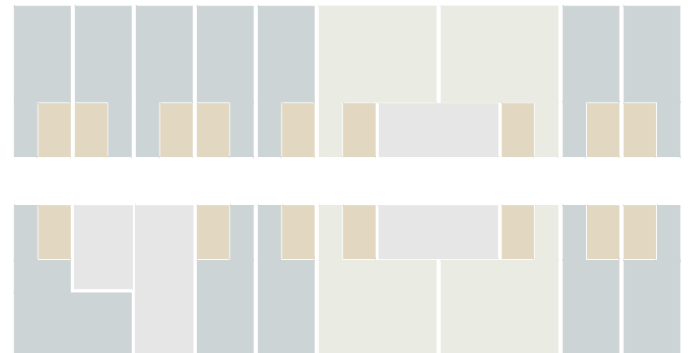
Edifício Existente
 Hotel (Proposto)
 Pavilhão Desportivo (Proposto)
 Zona Permanencia (Proposto)
 Zona Verde
 Demolição





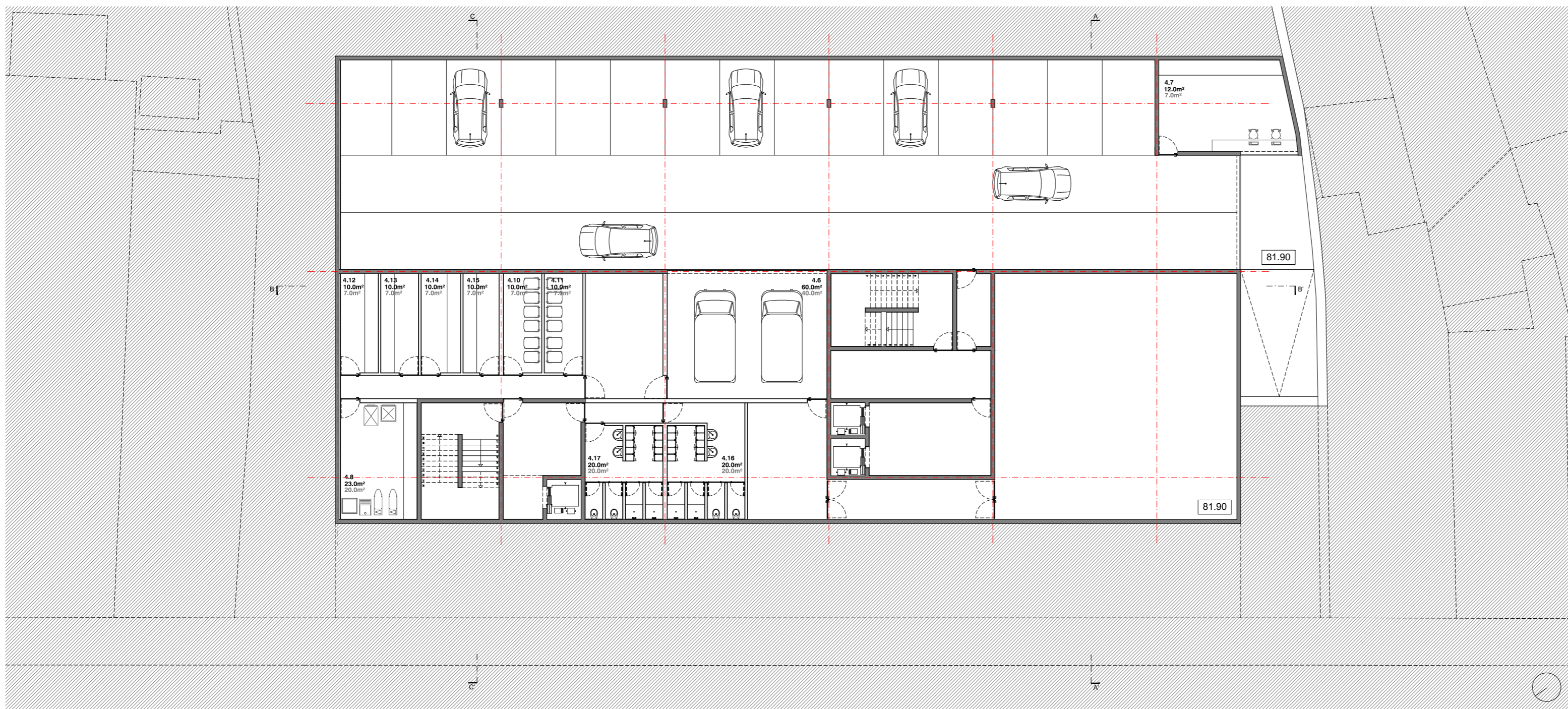
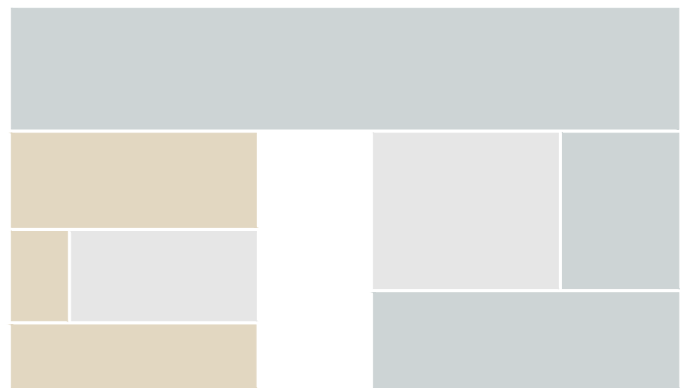
Planta Piso 1 e 2 1/200

0 4 8 12m



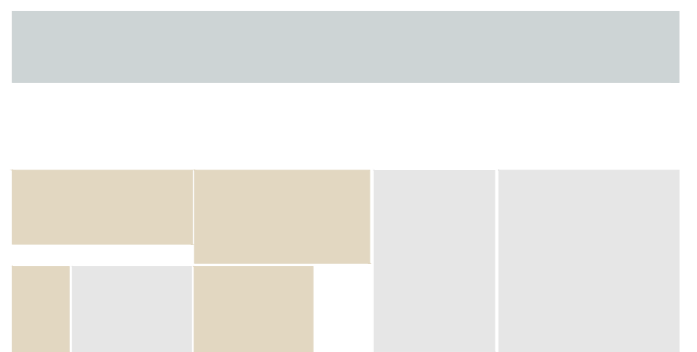
Planta Piso 0 1/200

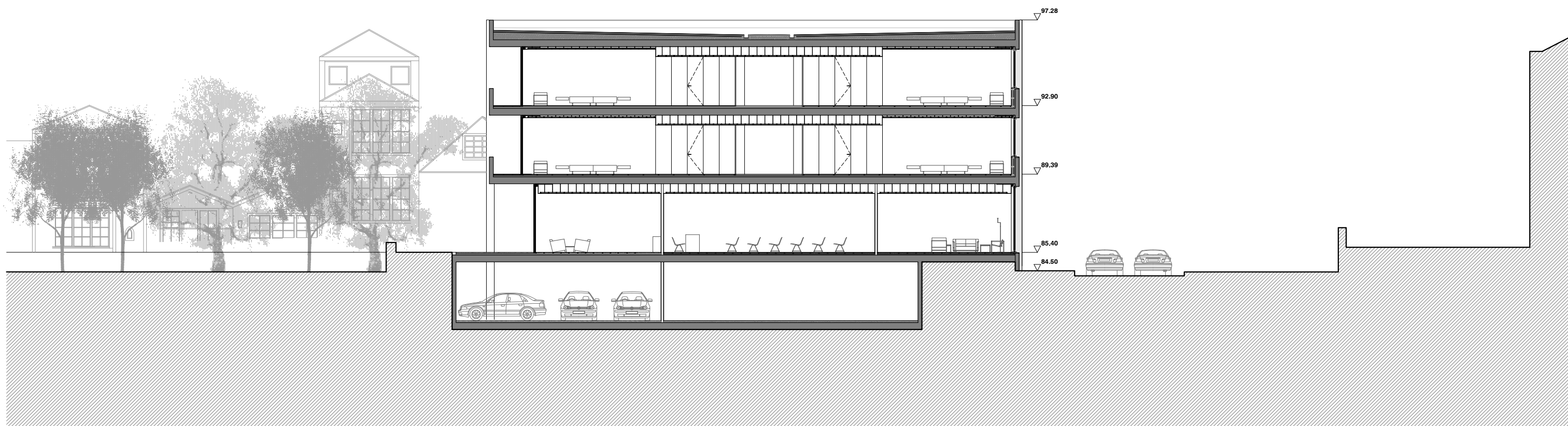
0 4 8 12m



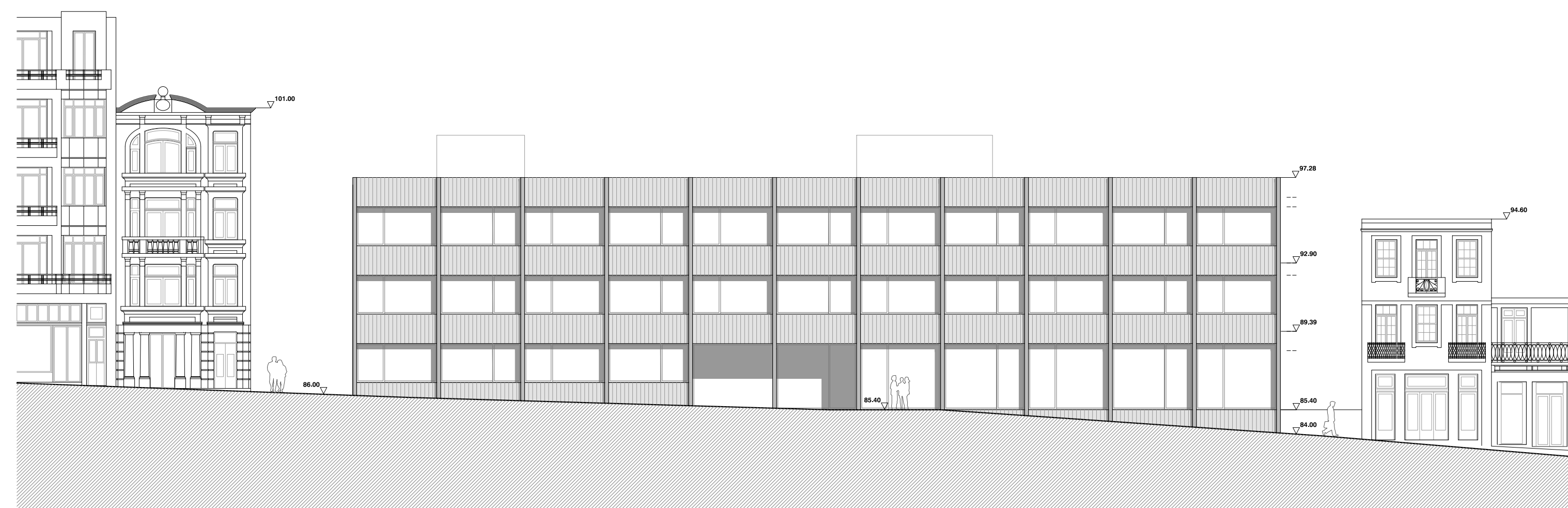
Planta Piso -1 1/200

0 4 8 12m





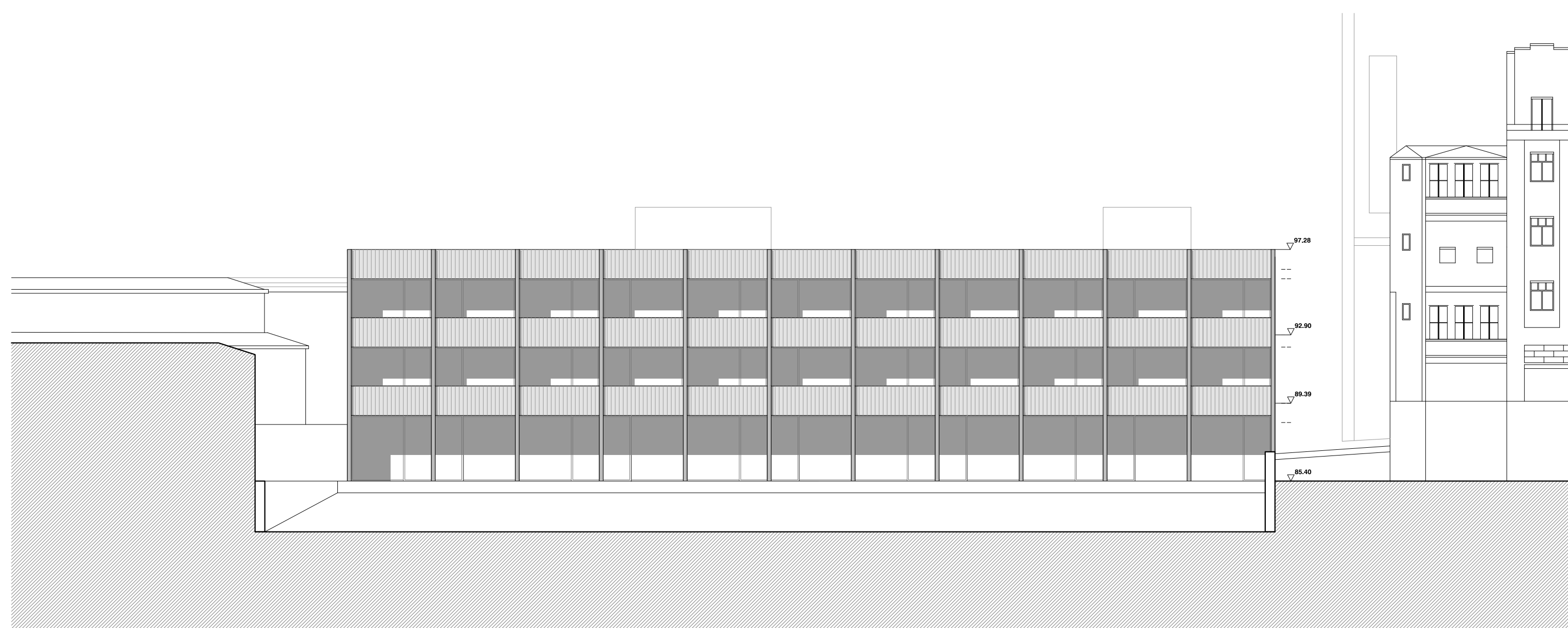
Corte Transversal A-A' 1/200
0 4 8 12m



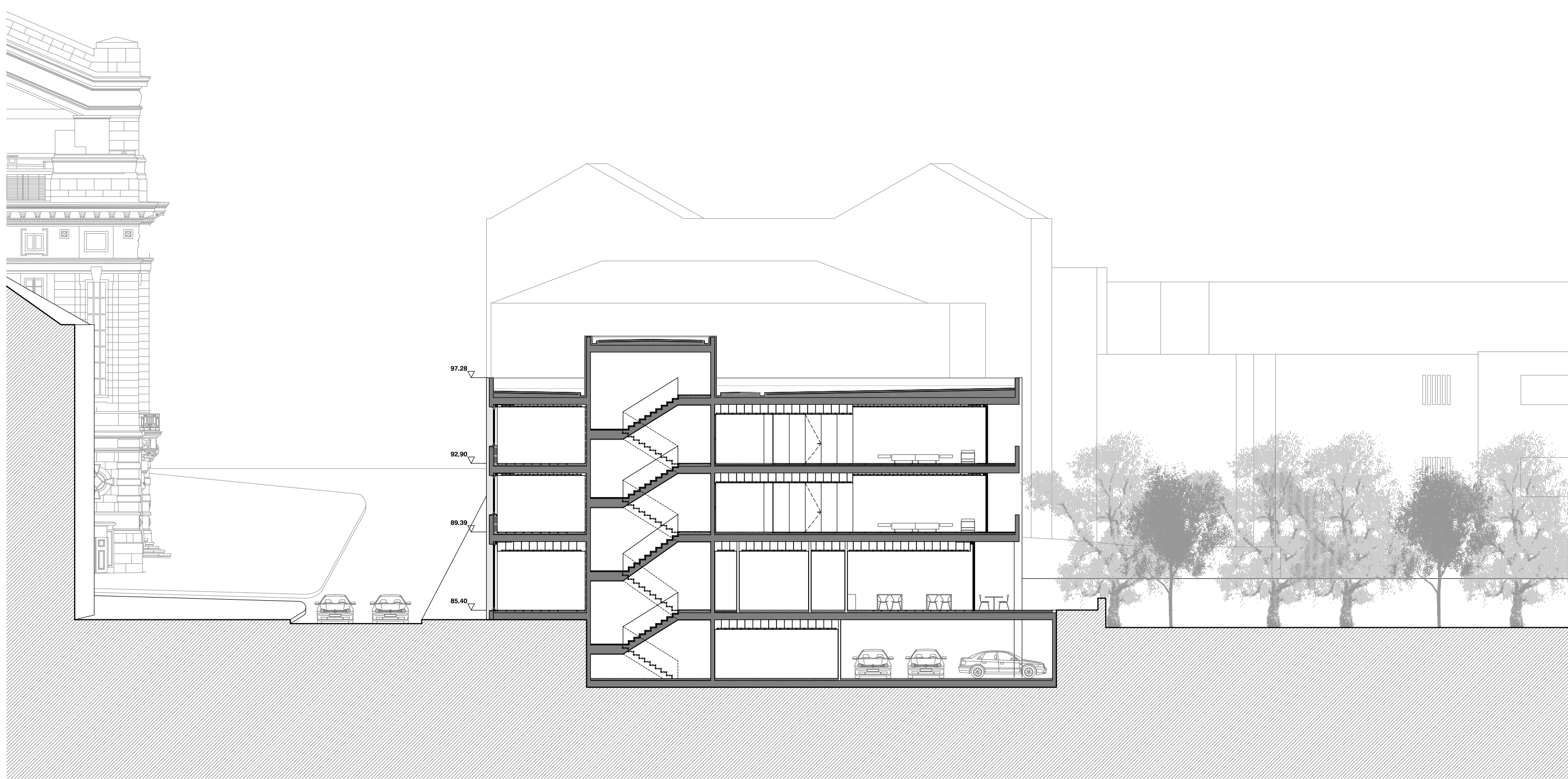
Alçado Rua Augusto Rosa 1/200
0 4 8 12m



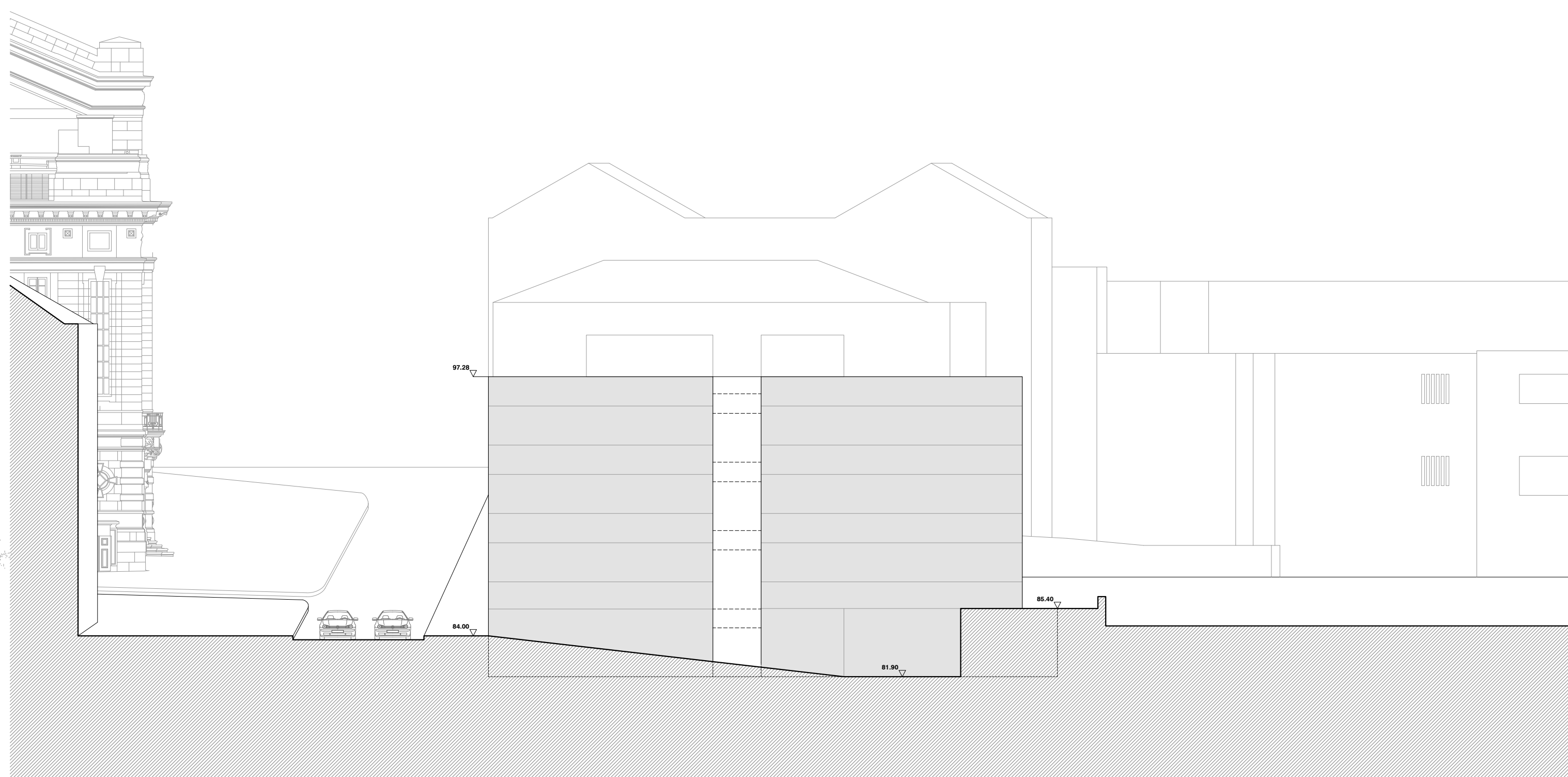
Corte Longitudinal B-B' 1/200
0 4 8 12m



Alçado Interior 1/200
0 4 8 12m



Corte Transversal C-C' 1/200
0 4 8 12m



Alçado Lateral 1/200
0 4 8 12m